



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA**

ELIZIANE TAMANHO DE OLIVEIRA

**BRANQUITUDE E PODER NAS RELAÇÕES ENTRE MORADORES LOCAIS
E IMIGRANTES HAITIANOS: FALANDO DE RAÇA NO OESTE CATARINENSE**

CHAPECÓ

2017

ELIZIANE TAMANHO DE OLIVEIRA

**BRANQUITUDE E PODER NAS RELAÇÕES ENTRE MORADORES LOCAIS
E IMIGRANTES HAITIANOS: FALANDO DE RAÇA NO OESTE CATARINENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Claudete Gomes Soares

CHAPECÓ

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

OLIVEIRA, ELIZIANE TAMANHO DE
BRANQUITUDE E PODER NAS RELAÇÕES ENTRE MORADORES
LOCAIS E IMIGRANTES HAITIANOS: FALANDO DE RAÇA NO OESTE
CATARINENSE / ELIZIANE TAMANHO DE OLIVEIRA. -- 2017.
67 f.

Orientadora: CLAUDETE GOMES SOARES.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS , Chapecó, SC, 2017.

1. EXPRESSÕES DA BRANQUITUDE NA CONSTRUÇÃO DE
CHAPECÓ. 2. AS RELAÇÕES ENTRE HAITIANOS E BRASILEIROS NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. 3. REPRESENTAÇÕES
DOS HAITIANOS E BRASILEIROS: AS RELAÇÕES RACIAIS NA
CIDADE DE CHAPECÓ. I. SOARES, CLAUDETE GOMES, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ELIZIANE TAMANHO DE OLIVEIRA

**BRANQUITUDE E PODER NAS RELAÇÕES ENTRE MORADORES LOCAIS
E IMIGRANTES HAITIANOS: FALANDO DE RAÇA NO OESTE CATARINENSE**

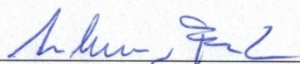
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Claudete Gomes Soares

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

06/03/2017

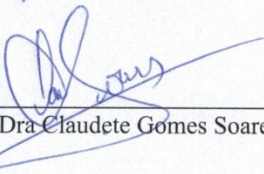
BANCA EXAMINADORA:



Prof^ª. Dra Arlene Anélia Renk – UNOChapecó



Prof^ª. Dra Camila Sissa Antunes – UFFS



Prof^ª. Dra Claudete Gomes Soares – UFFS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, à minha Orientadora Claudete, aos meus entrevistados e leitores.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente eu quero agradecer à minha mãe por tudo, e em todos os sentidos, por ser a pessoa mais incrível da minha vida.

À minha querida orientadora Claudete, que faz jus de ser chamada Claudiva, a minha profunda admiração por todo o processo de aprendizagem e motivação que proporcionou durante a graduação, obrigada!

Sou grata também às minhas queridas manas, Elisandra e Marie, pela cumplicidade e disponibilidade em transcrever e também pela paciência em ouvir cada novo descobrimento da pesquisa.

Quero também agradecer as irmãs Keschner, que para além da amizade e de passar ótimas referências para meu trabalho, são ótimas corretoras de textos.

Agradeço também à minha amiga Daniela pelas transcrições das entrevistas.

O meu carinho e admiração à Jessica, Marcia, Neuri e Genival que influenciaram direta e indiretamente na minha formação.

Agradeço a todos os professoras(es) da universidade, em especial à professora Adiles pela disponibilidade e carinho no caminho percorrido com a graduação.

Sou grata aos meus entrevistados brasileiros e haitianos pela disponibilidade, sendo essenciais para a elaboração da pesquisa.

Também sou muito agradecida ao NEABI (Núcleo de estudos Afro-brasileiros e Indígenas) da UFFS, pelas pessoas incríveis que compõem o grupo, por proporcionarem muitos debates importantes, em conjunto com referências de leituras.

Preciso agradecer também ao Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Diversidade, pela abertura no espaço de leituras e discussões.

Agradeço ao (GEIROSC) Grupo de Estudos sobre Imigração para a Região Oeste de Santa Catarina por toda a aprendizagem.

Deixo a minha gratidão e carinho à Alice pela revisão e comentários no meu trabalho, muito obrigada!

Agradeço profundamente a minha querida nona Maria pela dedicação, cuidado e carinho auxiliando diretamente na minha melhora gratidão!

E por fim, a ocupação da UFFS, parabênzo e agradeço pela luta, força, resistência e aprendizado.

RESUMO

Os fenômenos determinantes da pesquisa estão associados a uma forte migração de estrangeiros Haitianos para o Brasil, especificamente no município de Chapecó, para fins de trabalho e estudo – e a implantação do Pró Haiti (Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS) destinada exclusivamente a haitianos na região. Pretende-se identificar com esse trabalho as autorrepresentações e reconhecimento entre os estabelecidos (brasileiros) e *outsiders* (haitianos) na UFFS- Chapecó, com base no processo de construção do negro, visto que as relações raciais no Brasil são desiguais, desde os aspectos limiares da construção do Brasil até os dias atuais, identificado na branquitude uma forma de poder simbólico e econômico que sempre foram renegados aos negros e usufruído por brancos na sociedade. Dessa forma, conjectura-se que as relações entre os estabelecidos brancos e os recém-chegados negros estrangeiros haitianos sejam permeadas por mecanismos de poder desigual com base na cor na UFFS em Chapecó. A cidade é caracterizada por uma forte predominância de brancos desde a colonização até a contemporaneidade, com 76,68% da população branca em 2010. As análises estão relacionadas com as táticas da pesquisa qualitativas com observações participantes, entrevistas e grupos focais entre os estudantes haitianos e estudantes brasileiros da UFFS. Dessa forma, a finalidade deste projeto é investigar as peculiaridades que ocorrem nas diferentes socializações entre os grupos de brancos e não brancos, bem como as características que entremeiam essas relações de sociabilidade no espaço universitário e na cidade, com base nessas percepções desses sujeitos sociais.

Palavras-chave: Brasileiros. Haitianos. Branquitude. Racismo. Universidade Federal da Fronteira Sul.

RESUMEN

Los factores determinantes de los fenómenos de investigación están asociados con una fuerte migración de haitianos extranjeros a Brasil, en Chapecó, por motivos de trabajo y estudio - y la implementación de Pro Haití (Programa de Acesso a Educação Superior UFFS) destinados exclusivamente los haitianos en la región. Se tiene la intención de identificar este trabajo las auto-representaciones y reconocimientos entre los establecidos (brasileño) y los de outsiders (de Haití) en UFFS- Chapecó, basado en el proceso de construcción negro, como las relaciones raciales en Brasil son desiguales, ya que los aspectos iniciales la construcción de Brasil hasta hoy, identificado en la blancura de una forma de poder simbólico y económico que tiene renegados sido siempre a los negros y disfrutado por la sociedad blanca. Por lo tanto, se conjetura que las relaciones entre los blancos y los negros recién llegados establecidos extranjeros haitianos están permeadas por mecanismos desiguales de poder basadas en el color de UFFS en Chapecó. La ciudad se caracteriza por un fuerte predominio del blanco desde la colonización hasta la contemporánea, con 76,68% de la población blanca en 2010. Los análisis están relacionadas con las tácticas de investigación cualitativa con la observación participante, entrevistas y grupos de discusión entre estudiantes haitianos y estudiantes brasileños en UFFS. Por lo tanto, el propósito de este proyecto es investigar las peculiaridades que se dan en diferentes socializaciones entre grupos blancos y no blancos, y las características que se intercalan estas relaciones de sociabilidad en la zona universitaria y en la ciudad, sobre la base de esas percepciones de estos sujetos sociales.

Palabras clave: Brasileños. Haitianos. Blancura. Racismo. Universidade Federal da Fronteira Sul.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EXPRESSÕES DA BRANQUITUDE NA CONSTRUÇÃO DE CHAPECÓ.....	20
2.1 A construção de Chapecó: as mudanças e adequações para a modernidade	20
2.2 O embate entre a colonização de Chapecó na relação com indígenas	24
2.3 A relação entre brancos e os caboclos em Chapecó	25
2.4 O Povo Brasileiro e o povo Chapecoense: a expectativa e a realidade	27
3 AS RELAÇÕES ENTRE HAITIANOS E BRASILEIROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL.....	30
3.1 O ingresso dos haitianos na UFFS- Campus Chapecó	30
3.1.1 Os haitianos como colegas para os estudantes brasileiros na Universidade Federal da Fronteira Sul	35
3.2 A construção da identidade haitiana e a reconhecimento dos brasileiros em Chapecó	38
4 REPRESENTAÇÕES DOS HAITIANOS E BRASILEIROS: AS RELAÇÕES RACIAIS NA CIDADE DE CHAPECÓ	45
4.1 A interação entre os grupos percebida por e para haitianos e brasileiros no contexto de Chapecó	46
4.1.1 Representações das relações de poder entre brasileiros e haitianos no local de trabalho.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXOS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho de monografia procurou levantar os elementos constitutivos da relação entre locais e estrangeiros, considerando o fato de se tratarem imigrantes haitianos que trazem a negritude impressa em seus corpos. Assim, buscamos problematizar se a branquitude associada à região oeste e a negritude presente nos corpos dos imigrantes têm condicionado as relações entre locais e estrangeiros. Em outras palavras, como esses dois elementos se manifestam nas relações e representações entre brasileiros e haitianos?

Nessa perspectiva, procurou-se perceber as relações entre haitianos e brasileiros no contexto da universidade, por meio das representações que têm de si próprios enquanto grupo e dos outros. O objetivo aqui é investigar as percepções de haitianos e brasileiros acerca dos processos de sociabilidade entre brasileiros locais e estrangeiros na cidade e na universidade.

A interação e representação dos haitianos e brasileiros é relevante para compreender as relações de sociabilidade entre brancos e negros na universidade e na cidade de Chapecó, bem como estão inscritas em um processo de longa duração assentado seja na ocupação do território brasileiro, seja na ocupação do Oeste Catarinense. Nesses termos, trabalha-se com a hipótese de que as interações de sociabilidade entre haitianos e brasileiros são mediadas por relações de poder e por estigmas mediados por significados atribuídos à negritude e à branquitude.

Em razão disso, faz-se necessário pensar o limiar da cidade de Chapecó, o processo de colonização com a “Marcha para o oeste”, pensada para ser uma cidade moderna, associado ao progresso e ocupado por indivíduos brancos. Esse projeto foi idealizado pelas companhias colonizadoras por meio da imigração italiana e alemã com apoio dos governantes (PETROLI, 2008). Nesse sentido, as relações entre brancos (colonos italianos e alemães) e não brancos (caboclos, indígenas, negros) foram marcadas por preconceito, exclusão e opressão dos dominantes brancos e relação aos não brancos.

O processo para tornar a cidade branca e desenvolvida contou com muita opressão, pois os brancos não apenas tinham o poder de identificar sua cultura como correta, mas também de obrigar o outro a vivê-la devido a monopolização de recursos de poder. Como exemplo disso podemos citar as leis que feriam a cultura ou os hábitos não dominantes, a exemplo da lei que proibia animais soltos, pois deveriam ser presos em certos perímetros da cidade (PETROLI, 2008)

A lógica dominante adquiriu muitos adeptos ao ponto de ser interiorizada pela grande maioria, como no caso, em que os caboclos jovens estavam aderindo a religiosidade dos colonos

e que aspectos religiosos particulares dos caboclos estavam se perdendo, conforme apresentado na obra *A Luta da Erva* de Arlene Renk (2006).

O contexto da imigração de italianos e alemães que marcaram fortemente seu pertencimento está expresso nos dados do censo do IBGE/2010, em que 76,68% da população é branca em Chapecó. Os dados mostram que a miscigenação não foi forte na região, tornando uma particularidade da região em relação à composição nacional cujos dados do IBGE de 2010 evidenciam uma população miscigenada, sendo que a população branca é menos da metade da população: 47,7%.

Quais implicações para grupos oriundos de diferentes agrupamentos étnico-raciais teria o fato de a região oeste catarinense ser majoritariamente composta por brancos? As relações entre brancos e não brancos em Chapecó ocorreriam de forma diferente das predominantes em outras regiões do Brasil? Como as diferentes formas de ocupação do espaço impactam nessas relações? Essas são algumas das questões que organizam ou são pano de fundo para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao ressaltarmos esse aspecto não queremos defender que uma maior miscigenação implique em ausência de preconceitos e discriminações com base na raça e na cor. Autores que trabalham as relações raciais no Brasil, como o caso de Guimarães (2003), têm evidenciado as desigualdades relacionadas à cor da pele que impedem que os negros disputem posições sociais em pé de igualdade com os brancos devido aos significados atribuídos à cor das pessoas: brancos e não brancos nas relações cotidianas.

Também Hasenbalg (2005) nos conduz nessa direção no momento em que comprova a tese do “ciclo cumulativo das desigualdades” relacionado à cor da pele: por meio de dados quantitativos demonstra que os negros, mesmo que estejam na mesma posição econômica que os brancos, estão em desvantagem em vários campos, com destaque acesso à educação e determinados tipos de trabalho.

A presente pesquisa, que objetiva compreender as relações e representações entre haitianos e brasileiros, foi possível, principalmente, graças à imigração haitiana para a cidade de Chapecó. Antes disso, porém, é interessante apresentar elementos que possam justificar a vinda dos haitianos para o Brasil, fatores que pressionam a saída dos haitianos como o desastre do terremoto em 2010 que afetou ainda mais a economia, as questões políticas e sociais do país, e com isso a visibilidade do Brasil através da MINUSTHA (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti) com o exército brasileiro desde 2004 no país, bem como evidências externas de facilidade da imigração que o Brasil proporcionou para os haitianos. (HANDERON, 2015)

De modo mais local, a vinda dos haitianos para Chapecó especificamente está associada ao trabalho, devido as empresas irem buscar mão-de-obra nesse campo. No caso de Chapecó, destaca-se a Fibratec e os frigoríficos locais. (DEBONA, 2015). Mas a oferta de emprego não pode ser considerada a única motivação, isso porque o ensino superior trouxe alguns haitianos para a região. Nesse sentido, destaca-se o PROHAITI (Programa de Acesso ao Ensino Superior - UFFS) que foi criado através de uma demanda dos estudantes haitianos, através de muitas visitas à Assessoria Internacional da Universidade. (BORDIGNON, 2016)

A Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Chapecó é o lócus empírico da pesquisa, ressaltando que o início da efetivação das aulas na universidade inicia em 2010. Conforme a história da universidade a demanda para a sua criação na região oeste foi antiga, mas apenas “[...] em 2005 que entidades públicas, ONGs e movimentos sociais conseguiram uma coesão para criar o Movimento Pró-Universidade.” Pensando o ensino superior nas regiões do Mercosul, sendo que esse projeto de universidade “deveria ser democrática, popular e teria cinco campi¹, para suprir a carência de vagas na fronteira do Mercosul e reverter o processo de litorialização”²

Após muitos trâmites, em 2009 foi oficializada a criação da UFFS pela lei 12.029. E em 29 de março de 2010 a UFFS recebeu os primeiros estudantes. Desde a criação por meio dos movimentos sociais e entre outras entidades, a universidade destaca-se também com a proposta de ingressos diferenciados, pois conforme Nierotka (2015) o exame do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) é utilizado como meio de ingresso na universidade, além da existência da bonificação para estudantes oriundos de escolas públicas, a criação da lei nº12.711/2012 de Cotas que a universidade adequa em 2013, assim como o PIN (Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas) é implementado na universidade.

Nesse mesmo ano de 2013 também foi ampliado as políticas afirmativas com o PROHAITI (Programa de Acesso à Ensino Superior – UFFS). Esse programa foi implantado por meio da resolução nº 32 do Consuni exclusivo para estudantes haitianos, a partir de uma demanda de um grupo dos estudantes haitianos (BORDIGNON, 2016). Sendo que a primeira turma de estudantes haitianos ingressam em 2014, e no primeiro semestre de 2016 a

¹ Campi: Chapecó (SC), Erechim e Cerro Largo (RS), Laranjeira Do Sul e Realeza (PR) e mais tarde com a expansão da universidade em 2012 em Passo Fundo (RS)

² Em: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS). **História**. Chapecó, SC. Disponível em: < http://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/historia > Acesso em: 10. Mar.2017.

universidade contava com “36 alunos matriculados em 11 cursos³ do campus Chapecó[...] considerando, desistências, cancelamentos e trancamentos de matrícula” (BORDIGNON, 2016, p.93-94).

A Universidade Federal da Fronteira Sul se identifica como um lugar ou espaço da diversidade visto que defende no PPI (Projeto Pedagógico Institucional da UFFS): “5. Universidade democrática, autônoma, que respeite a pluralidade de pensamento e a diversidade cultural, com a garantia de espaços de participação dos diferentes sujeitos sociais.” (UFFS, 2015). Como consequência, há nesse espaço políticas de acesso que a universidade defende, no sentido de contribuir para a construção de um corpo discente diverso. E esse corpo discente diverso de estudantes oriundos de escolas públicas, negros brasileiros e haitianos vai contribuir para a diversidade na cidade de Chapecó, visto que historicamente foi um espaço de predominância branca.

Ao considerar a história da construção da cidade baseada na positivação de elementos associados à branquitude, bem como a nova imigração para a localidade não ser branca, pretendeu-se identificar as representações de si e dos outros entre brasileiros e haitianos a partir da pesquisa com estudantes no contexto da Universidade Federal da Fronteira Sul em Chapecó. Para tal, a obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* de Elias e Scotson (2000), foi fundamental, pois contribuiu para a compreensão das representações entre grupos com diferenciais de poder. Na qual, o grupo de estabelecidos se representa como norma e ao mesmo tempo que caracteriza o outro como inferior.

Essa é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. [...] vêem-se como pessoas "melhores", dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que faltava aos outros. (ELIAS; SCOTSON, 2000 p. 19-20)

Nessa lógica das representações baseadas no poder entre grupos, destacam-se os grupos de estabelecidos - o grupo mais coeso e poderoso devido a permanência na localidade a mais tempo - em relação aos *outsiders* que são recém-chegados. E esse diferencial de poder entre grupos garante a superioridade de um grupo sobre o outro, implicando no poder da representação de si como na representação do outro através do viés do grupo estabelecido.

³ Administração, Agronomia, Enfermagem, Ciências da Computação, Engenharia Ambiental, Licenciatura em Pedagogia, Filosofia, Matemática, Geografia, Ciências Sociais e Letras: Português – Espanhol. (BORDIGNON, 2016, p.94)

Da mesma forma a Elias e Scotson (2000) abordam outros elementos presentes nas relações entre os grupos como a diferença de cor de pele, reafirmam que:

[...]o aspecto saliente de sua relação é eles [estabelecidos] estarem ligados de um modo que confere a um recurso de poder muito maiores do que os dos outros [outsiders] e permite que esse grupo barre o acesso dos membros do outro ao centro dos recursos de poder e ao contrário mais estreito com os seus próprios membros, com isso regulando-os a uma posição de outsiders (SCOTSON, ELIAS, 2000, p.32)

Ou seja, os diferenciais centrais entre grupos estão ligados estreitamente as relações de poder desiguais partilhadas entre grupos diferentes, mas interdependentes ao mesmo tempo. Também os estudos sobre “branquitude” foram essenciais, colaborando para as análises de poder e privilégios baseados na abordagem da branquitude como raça. Destacamos duas referências que além de contribuir para a presente pesquisa nas análises também foram elementos motivadores para o presente trabalho.

A pesquisa de Lourenço Cardoso (2008), *O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisa sobre as relações raciais no Brasil (período de 1957-2007)*”, foi o meu primeiro contato com o termo de branquitude, e os estudos das relações de poder desiguais interracializadas voltados a esse viés, que são relevantes para pensar e problematizar as relações entre brasileiros e haitianos no contexto da Universidade Federal da Fronteira Sul em Chapecó.

Além dele, outra referência importante foi o trabalho de Lia Vainer Schucman (2012), *“Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana”*. A autora aborda a branquitude na região paulistana com base nas concepções dos brancos através da psicologia social, evidenciando o racismo e o privilégio branco nas entrevistas e conversas com pessoas brancas com o intuito de perceber as representações da branquitude, ou seja, que valores os brancos associam a sua branquitude e como a partir dela se posicionam diante de outros grupos, também lhes associando valores produzidos a partir da racialização dos indivíduos.

A minha aproximação com o tema das relações raciais no Brasil iniciou-se com um projeto de pesquisa “Sub-projeto 4: Programa Novos Talentos ações conjuntas entre saúde e Ciências Sociais do edital 055/2012 CAPS Gênero, sexualidade e diversidade na educação” na qual fui monitora, acompanhava as oficinas e bem como as leituras e discussões, principalmente com uma das coordenadoras a professora Claudete Gomes Soares. A partir dos textos e discussões, o interesse pela temática foi aumentando e por meio de uma buscas por artigos relacionados ao tema e acabei encontrando os estudos sobre a branquitude de Cardoso e Schucman.

Contudo a delimitação do tema foi um longo processo, a qual de fato começou a se desenhar com o projeto de pesquisa, desenvolvido na disciplina de TCC1 e na sequência com a realização da investigação. Houve alguns percalços que dificultaram a efetivação da pesquisa, inicialmente porque, havia começado a trabalhar no comércio, em seguida havia conseguido lecionar com aulas de sociologia como ACT (Admitido em Caráter Temporário) e posteriormente sofri um acidente em 30 de abril de 2016, na qual quebrei meu braço direito e luchei meu pulso esquerdo, assim, retornei à pesquisa em agosto de 2016. Por esse motivo, houve alguns meses em que não foi possível continuar com a pesquisa. Ao retomar a pesquisa foi necessário rever as referenciais como Schucman (2012), Cardoso (2008), Elias & Scotson (2000).

Esse referencial teórico tem a pretensão de auxiliar na análise das relações entre os sujeitos da pesquisa, sendo que esses sujeitos são estudantes brasileiros e haitianos da UFFS-Chapecó. Bem como, pensar as relações de poder entre brancos e não-brancos nas falas desses estudantes, considerando que sou branca, brasileira e colega universitária. Assim a metodologia, se configura a partir três formas metodológicas qualitativas, a saber: através de observações, entrevistas individuais e com o grupo focal.

A pesquisa qualitativa é a base metodológica para a realização das investigações das relações e representações entre haitianos e brasileiros, pois, entende-se que essa metodologia: “[...] possibilita a penetração na realidade social não conseguida pela análise estatística.” (GOLDENBERG, 2009, p.34). Além de “[...] ver a etnografia não tanto como um método, mas mais como uma estratégia, e a ver quando ela é adequada aos campos e questões em estudo.” (AGROSINO, 2009, p.14). Nesse sentido, as entrevistas são entendidas como “[...] um processo que consiste em dirigir a conversações de forma a colher informações relevantes.” (AGROSINO, 2009, p.61).

Para investigar as representações de si e dos outros, entre grupo de haitianos e brasileiros na UFFS, foram utilizadas três técnicas, sendo a primeira com observações, que ocorreram principalmente no período dos horários dos intervalos das aulas na universidade e no restaurante universitário. A partir de tal prática, foi perceptível que não há muita interação entre haitianos e brasileiros, pois geralmente os haitianos estão sozinhos ou em grupos de haitianos na mesa conversando em suas respectivas línguas nativas, no caso do restaurante universitário, e as vezes, mesmo que os brasileiros estejam presentes na mesma mesa do refeitório, não há um diálogo estabelecido, salvo poucas exceções de um “oi”, “e aí, tudo bem?”.

Dessa forma, as observações tiveram o objetivo de ajudar na compreensão das relações, como também para pensar os questionários para as posteriores entrevistas, tanto para os haitianos como para os brasileiros. Essas observações ocorreram pouco antes das entrevistas.

Assim à abordagem com os estudantes haitianos ocorreu de forma presencial, com apresentação da pesquisa, pensando as possibilidades e interesse dos estudantes haitianos em participar, considerando horários, tempo e locais para a realização da entrevista. Outra forma de convite era por meio das redes sociais, na qual, apenas duas mulheres e um homem se recusaram a fazer a entrevista devido à falta de tempo.

Com os estudantes brasileiros não ocorreu com a mesma facilidade, pois a maioria não queria participar, nem mesmo preenchendo a ficha de recrutamento, os entrevistados que participaram foram indicados por amigas de outros cursos ou conhecidos. Na qual durante as abordagens na universidade falavam que “não gosto de falar sobre isso, fala com aquele grupinho” indicando outros, esses outros sempre estavam relacionados com alguma luta, seja com o LGBT ou Movimento Negro.

No segundo momento, no final de outubro de 2015 foram realizadas entrevistas individuais com haitianos e em março de 2016 foram realizadas entrevistas individuais com brasileiros, as quais proporcionaram elementos importantes para a pesquisa no fato de se perceberem e perceberem os outros, demonstrando os elementos diferenciais entre grupos a partir das opiniões e vivências dos estudantes haitianos e brasileiros entrevistados.

Além do grupo focal, que é um método de obtenção de dados qualitativos tratado por Neto, Moreira e Sucena (2002) em seu trabalho “Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação”, e definido como:

[...]uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico”. (NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p.5)

Nesses termos, foi realizado uma ficha de recrutamento para selecionar os estudantes brasileiros que estudavam ou haviam estudado com haitianos, além de investigar, de forma exploratória, o perfil em relação à cor e raça desses brasileiros. Após o recrutamento, o grupo focal foi marcado no dia 27 de abril de 2016, com sete estudantes, com um questionário estruturado dos assuntos por tópicos, sendo que no dia todas as funções de mediar, observar, e de controle da gravação de áudio ficou sob a minha responsabilidade. Embora com algumas confusões no primeiro momento em relação à gravação, o grupo ocorreu na medida das

possibilidades existentes, contribuindo também para a percepção desses estudantes em relação a si e aos outros, bem como a relação entre eles.

Os sujeitos entrevistados foram estudantes brasileiros e haitianos da universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sendo que os brasileiros pertencentes aos cursos de Administração, Enfermagem e Ciência da Computação fizeram parte de entrevistas individuais em 2016, enquanto aos estudantes brasileiros pertencentes aos cursos de licenciatura em História, Geografia e Ciências Sociais de um grupo focal. Quanto aos haitianos, todos - estudantes dos cursos de licenciaturas de Ciências Sociais, Matemática, História, Geografia, Português/ Espanhol e dos cursos de Administração, Ciência da Computação, Agronomia, Engenharia Ambiental - participaram de entrevistas individuais em dias diferentes no ano de 2015.

No que se refere aos estudantes haitianos, eles serão apresentados por nomes fictícios de autores da literatura brasileira, como o indicativo de recebimento ou não de auxílio da UFFS e o semestre em que estavam matriculados no momento da entrevista, conforme apresentado no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Nomes fictícios dos haitianos e relação aos auxílios socioeconômicos e a fase da UFFS

Nomes fictícios	Auxílio	Fase
Assis	Sim	3
Alencar	Sim	3
Barreto	Sim	4
Azevedo	Não informado	3
Pompeia	Não	1
Andrade	Sim	4
Cunha	Não	1
Ramos	Não	1
José	Sim	3
Rosa	Sim	4
Matos	Sim	3
Clarice	Sim	4
Cecilia	Não	1

Fonte: organizado pela autora.

Em relação aos estudantes brasileiros, inicialmente pretendia-se fazer dois grupos focais, um com estudantes das licenciaturas e outro com os estudantes dos outros cursos. Tal situação não foi possível porque os estudantes dos cursos que não eram de licenciaturas não compareceram no dia do grupo focal, por isso utilizei das entrevistas individuais com alguns desses estudantes. Por esse motivo, o grupo focal foi realizado apenas com os estudantes das licenciaturas. Os entrevistados brasileiros em termos gerais são de diferentes semestre de 1^a-5^a

fase além do 7º fase, sendo que a 2º fase é a predominante entre os entrevistados, de faixa etária de homens 17-21 e das mulheres entre 18-21 anos, também possuem nomes fictícios (ver Quadro 2 e a seguir) nesse trabalho, relacionados com nome de músicos brasileiros, tais como:

Quadro 2 – Nomes fictícios dos estudantes brasileiros e os respectivos cursos

Nomes	Cursos
Cássia	ADM
Mariza	ADM
Chico	CC
Lenine	L.His
Tim	L.His
Zeca	L.His
Gadú	L.Geo
Pitty	L.His
Ivete	L.His
Carolina	L.CS
S. Jorge	Enf

Fonte: organizado pela autora.

Portanto, ao final, foram recrutados trinta brasileiros (as) estudantes da Universidade Federal da Fronteira Sul para participar do grupo focal, preenchendo uma ficha de recrutamento. Etapa prévia para a seleção dos participantes em grupos focais, mas dentre todos apenas 11 foram entrevistados somando os cursos de licenciatura e dos outros cursos.

Desse modo, a ficha de recrutamento contou com algumas perguntas que mapearam superficialmente o perfil dos alunos em relação à localidade, à cor/raça e ascendência. Na qual é perceptível que a maioria dos entrevistados são pertencentes a região sul do Brasil, naturais de regiões dos Estados do Rio grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, o que não será revelado para proteção da identificação dos mesmos.

Ainda com base na ficha de recrutamento, contamos com a ideia de “ascendência” dos estudantes brasileiros, no qual a maioria esmagadora se identifica com a italiana ou alemã, ou com a mistura dessas duas. Além de algumas poucas exceções da mistura de ascendências (alemã ou italiana) com as (indígenas ou africanas), bem com a mistura da ascendência intitulada “brasileira”, em que faz referência aos portugueses de forma pouco expressiva.

As duas últimas perguntas estavam relacionadas especificamente à cor e à raça. Primeiramente, conforme os dados do IBGE em relação às categorias “branco, preto, pardo, amarelo e indígena” houve apenas duas categorias assinaladas: a branca como maioria e a parda,

pouco expressiva. Já a segunda pergunta contava apenas com duas categorias, a de “branca” e “preta” na qual, a maioria se identifica como branca.

Assim a organização desta monografia pode ser entendida: inicialmente com o capítulo destinado a um resgate histórico de alguns momentos que refletem as relações interraciais entre brancos e não brancos em Chapecó, evidenciando os conflitos e estigmas, como de poder expressos pela branquitude dos opressores em relação aos oprimidos, bem como um contraponto entre a colonização local do oeste catarinense e a colonização brasileira.

No segundo capítulo será abordada a vinda dos haitianos na região, através de uma pesquisa bibliográfica, assim como suas expectativas e demandas apresentados nas entrevistas com os estudantes haitianos da UFFS. Além disso, discutir-se-á sobre o ingresso dos estudantes na UFFS, através do programa PROHAITI (Programa de Acesso à Educação Superior-UFFS), bem como, as dificuldades evidenciadas e também as diferenciações entre grupos de brasileiros e haitianos para si e para os outros nas entrevistas e no grupo focal.

O Terceiro capítulo buscará evidenciar as relações entre haitianos e brasileiros no contexto da cidade de Chapecó e no mercado de trabalho, através das representações dos grupos, explorando os dados das entrevistas e dos grupos focais. Nesse capítulo será abordado :também os conflitos associados as relações raciais construídas no Brasil.

2 EXPRESSÕES DA BRANQUITUDE NA CONSTRUÇÃO DE CHAPECÓ

Na perspectiva de analisar o poder na relação entre brancos e não brancos (caboclos, indígenas e negros) em Chapecó, faz-se necessário compreender o processo de colonização e formação das identidades locais, analisando o conflito e estigma⁴ entre esses grupos. Isso é possível de ser realizado através de fatores históricos e dos mecanismos adotados para a mudança na cidade, o que vai para além de uma simples mudança de hábitos, mas inclui também obrigar o outro a mudar em prol de um progresso idealizado pelo dominador (branco). (PETROLI, 2008)

Além disso, é necessário contrapor as diferenças nas relações raciais na colonização brasileira, enaltecendo a miscigenação, diferentemente de Chapecó na qual a mistura não foi significativa, embora ambas tivessem o mesmo fim: o branqueamento da população. E não se pode esquecer que a ideia do branqueamento na esfera nacional perdura até os anos de 1930, quando o Brasil assume a identidade de miscigenação (SCHWARCZ, 1996).

2.1 A construção de Chapecó: as mudanças e adequações para a modernidade

A cidade de Chapecó é um município que compõe o oeste de Santa Catarina, região que foi palco de muitos conflitos, conforme Werlang (1992) houve disputa territorial desde a era da colonização entre Portugal e Espanha, mais tarde com a independência entre Argentina e o Brasil, sendo definido por Cleveland, presidente dos Estados Unidos da América, que a região pertenceria ao Brasil em 1895. Em seguida os estados de Paraná e Santa Catarina brigam pela terra contestada, que foi definida por intermédio do Governo Federal é em favor de Santa Catarina, além do grande marco da disputa pela terra com a Guerra do Contestado.

A posse da terra, durante este período era disputada entre índios, caboclos e empresas colonizadoras. O maior conflito havido é conhecido como a Guerra do Contestado, que envolveu, de um lado, os posseiros, e do outro lado a polícia particular da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e o Exército brasileiro. [...] os posseiros facilmente eram eliminados pelas colonizadoras sem que houvesse maiores repercussões a nível de país. (WERLANG, 1992, p.1)

Em resumo, o conflito da Guerra do Contestado é uma expressão do poder do opressor sobre o oprimido. Em razão da construção da estrada de ferro os posseiros seriam expropriados

⁴ Entenderemos o terceiro estigma de Goffman, o qual diz respeito “há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (GOFFMAN, 1988, p.7)

e muitos foram mortos por lutar contra essa condição de expropriação, justificada em nome do progresso e desenvolvimento que a estrada de ferro traria para a região.

Diante disso, é de extrema importância pensar nos conflitos nesse lócus específico, no caso Chapecó, no que se refere às mudanças e adequações necessárias para modernidade com a implantação da “Marcha para oeste”, projeto que visava o progresso e a modernidade, tanto da tecnologia das ruas e casas, como dos indivíduos específicos que queriam como moradores os imigrantes europeus (italianos e alemães), tendo como aliado o jornal “A Voz de Chapecó”, que ajudou diretamente e indiretamente a mudança da vila para a cidade moderna (PETROLI, 2011).

O município de Chapecó – inicialmente nomeado Passo dos Índios – tornou-se sede da região oeste somente em 1931, já que anteriormente esse título foi concedido duas vezes a Xanxerê e duas vezes a Passos Bormann (PETROLI, 2008). Tal situação repercutia a instabilidade política da região, bem como a ausência do Estado. Somente após a demarcação das terras do oeste, os poderes políticos locais, em parceria com a colonizadora Maia & Cia, projetam a cidade pensando no progresso (HASS, 2007).

Nesse período de descaso dos poderes políticos em relação aos indivíduos e ao território, o poder local se utiliza da simbologia positiva do bandeirante desbravador para construir e interiorizar a ideia de “fazer com as próprias mãos” visando o progresso. Nesse sentido, “A Marcha para Oeste” vai além da ideia de incentivar os indivíduos a serem desbravadores, uma vez que carrega consigo os ideais almejados para a cidade moderna que: [...] poderia garantir a abertura de estradas, melhoramento nos sistemas de transportes e de comunicações; poderia garantir, inclusive, o “branqueamento” da população através da introdução de descendentes de italianos e alemães. (PETROLI, 2011, p.11)

O período era de construção de identidade e idealizações de uma nação modernizadora e progressista, na qual os costumes dos povos locais eram divergentes do projeto modernizador. Nesse contexto, após a criação do município de Chapecó, o objetivo era de povoar o local com imigrantes brancos, construindo e impondo hábitos e práticas desarmônicas aos nativos, pois “apesar de a região contar com a efetiva presença indígena, não era considerada uma região povoada e civilizada” (PETROLI, 2008 p.50). Assim sendo, a presença dos caboclos e negros na região repercutia também um processo de exclusão e de criação de estigmas em relação a esses povos.

Os povos miscigenados – caboclos, negros e indígenas – não eram o modelo de povo e de progresso desejado para a cidade, por isso apostou-se na imigração italiana e alemã, com a ajuda da companhia colonizadora que atuava na região. Além disso, houve o auxílio do jornal

local “A Voz de Chapecó” que disseminava os costumes dos imigrantes, positivando a cultura europeia e inferiorizando a cultura do nativo ou não branco (PETROLI, 2008).

A prática da depreciação se manifesta em vários aspectos da vida social, e a repressão feita pelo jornal funcionava de duas formas: a primeira era através dos comentários pejorativos em relação aos caboclos, por exemplo, a estética de suas casas como de “pessoas de mau gosto” e em “formato de caixões”, e a segunda forma era através do enaltecimento dos imigrantes europeus – prestigiando as casas de alvenaria e modernas dos imigrantes (PETROLI, 2008).

O foco era o progresso transformando a vila em cidade, desse modo, criam-se algumas leis municipais, como, por exemplo, a proibição da circulação dos animais soltos pelas ruas em 1941 (PETROLI, 2008). Tal situação se vale de argumentos legais a favor do projeto modernizador da cidade, suprimindo a prática dos moradores tradicionais.

Esses mecanismos que ora se apresentavam de forma sutil, através dos comentadores de jornal, e ora de maneira explícita, na forma de lei, tinham como intuito mudar e impor essas mudanças culturais para os que não seguiam os hábitos de vida dominante.

A lógica do sistema econômico – seja ele de subsistência ou de acumulação – está diretamente ligada à relação do homem com o trabalho. Embora o trabalho fizesse parte da vida dos três grupos (caboclos, indígenas e colonizadores), a relação com o trabalho era diferenciada. Nesse sentido o trabalho torna-se uma variante para a construção e diferenciação das identidades (RENK, 2006).

Assim, para o colonizador branco e europeu trabalhar está associado à ideia do “bandeirante”: desbravar e progredir através do “trabalho duro” (PETROLI, 2008). E esse trabalho do colonizador é um símbolo construído e positivado e, portanto, característico de sua cultura, que também serve de elemento para desprezar os não brancos, porque só é elemento de prestígio quando associado às práticas dos colonizadores (RENK, 2006).

Por outro lado, o vínculo do trabalho para os não brancos é construído de forma diferente, pois é voltado para a sobrevivência e, sob essa ótica, os colonizadores são considerados pelos caboclos como “gananciosos” devido à prática da acumulação. Nesse sentido, a variante trabalho é caracterizada para si como positivo e para o outro como pejorativo na construção da identidade que ocorre sempre em relação ao outro grupo (RENK, 2006).

A construção da cidade foi feita basicamente por atores sociais, sem auxílio direto dos governos, enaltecendo ainda mais o discurso do “trabalho duro” e solidificando o termo como identidade dos colonos⁵ da região. Em 1929, o então governador do estado, Adolfo Konder, faz

⁵ Colonos: será utilizado conforme uma identidade europeia branca por: Renk, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004 p.19

uma visita à região que simboliza a modernidade tão desejada por aqueles que habitavam o “sertão bruto” ou “a terra sem lei” (RADIM, 2009).

A busca por modernidade e progresso divide a população em dois grupos: um dos dominantes, que era constituído por colonizadores europeus; e o grupo dos não brancos ou dominados, que era constituído por indígenas, caboclos e, mais tarde, por outro grupo que se juntou a esses, os denominados pelos dominantes de “forasteiros” – que eram brasileiros migrantes de outros lugares do Brasil.

A relação de opressão dominantes-dominados era muito perversa, e pode ser exemplificada pela história do linchamento, retratada no livro *O Linchamento que todos querem esquecer, Chapecó 1950-1956* de Monica Hass (2013). Na obra, Hass descreve o poder e o “mandonismo” que faz referência ao coronelismo já naturalizado na região. Essa situação é contada através do linchamento que ocorreu em 1950 na cidade de Chapecó.

Dois homens vindos do Rio Grande do Sul para estabelecer residência em Chapecó foram acusados e presos devido a um incêndio provocado na Igreja Matriz. Um terceiro homem veio a Chapecó com intuito de transferir os acusados de presídio, visto que estavam sendo torturados. Entretanto, uma noite antes da transferência os três foram mortos e tiveram seus corpos jogados e queimados em praça pública com a cumplicidade da população (HASS, 2013).

Hass descreve que haviam fortes perseguições políticas na época, e os linchados eram opositores de partidos políticos de figuras poderosas de Chapecó. Após o linchamento, a notícia se espalhou e ninguém mais teve interesse de adquirir terras ali, deixando a região por anos sem vender um único lote. As vendas ressurgiram somente com a implantação de frigoríficos (HASS, 2013).

Essa forma de separação entre grupo de opressores e outro de oprimidos é muito semelhante ao caso de Wiston Parva, na obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* de Elias e Scotson (2000), na qual relata-se a história de uma cidade que foi constituída por imigrantes, o que refletia em muitos conflitos entre a população que residia ali há mais tempo e imigrantes recentes. A menor coesão do grupo de outsiders (oprimidos e estigmatizados), fornecia ao grupo há mais tempo estabelecido ali as ferramentas institucionais para que “[...] preservassem sua identidade e afirmassem sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.22). Nesse sentido, o assassinato e o ato de encobrir com o apoio da população é a expressão máxima do poder do opressor, que coloca o oprimido em seu lugar, ameaçando-o fisicamente.

2.2 O embate entre a colonização de Chapecó na relação com indígenas

As relações entre brancos e indígenas em Chapecó são historicamente permeadas por conflitos e estigmas, como, por exemplo, a “caça ao bugre” que foi o genocídio indígena através da “campanha exterminatória, misto de guerra de conquista e de esporte” (RADIM, 2009 p.88). Essa prática de genocídio dos indígenas foi uma espécie de limpeza, já que os índios eram considerados incivilizados, barrando o projeto da modernidade e civilidade branca. Para resolver tal “embate”, o caminho foi o extermínio dos indígenas.

Esses conflitos se fazem presentes também na mudança da grafia do nome da cidade – anteriormente denominada Xapecó – como forma de distanciar os indígenas dos símbolos locais. Nesse processo, os dominantes se utilizam do jornal “A Voz de Chapecó” para enfatizar os argumentos a favor de Chapecó com ‘CH’, alegando que não era baseada em uma relação visível com os indígenas, baseado nos argumentos referentes as regras da língua portuguesa. (CAMPOS, 2004)

Apesar da presença de aldeias indígenas em Chapecó como a Toldo Chimbanguê e Aldeia Condá, há poucos símbolos que referenciam essas culturas indígenas na região. Um dos símbolos que referenciam os indígenas é o mascote do time de futebol local, a Chapecoense, em que o mascote é o índio Condá.

O índio Condá foi uma figura memorável, pois atuou tanto com os indígenas como com os colonos pois sabia formular algumas frases em português. Desse modo considerando a instabilidade política da época Condá atuou e influenciou diretamente no aldeamento dos povos indígenas de Campos de Palmas⁶ até Nonoai, mas ao mesmo tempo fazia expedições para os índios arredios. Nesse sentido sua postura foi marcada pela contradição devido sua atuação entre esses dois lugares, oras em prol dos indígenas e oras favor dos colonizadores. (MALAGE, 2010)

Apesar disso, a aversão aos povos indígenas foi forte e interiorizada em conjunto com o projeto modernizador. Tal realidade foi explicitada em 1995 no jornal “Iguaçu”, por Nedson Lanzini, que escrevia sobre o futebol Chapecoense. Consciente da simbologia positiva que envolve o futebol, o comentarista expõe a inconformidade em relação ao mascote ou símbolo do time Chapecoense ser a figura do “índio”:

Chapecoense deve mudar de símbolo

⁶ “Nesse período não podemos pensar os Campos de Palmas com as fronteiras atuais, era um território pertencente à Província paulistana. Atualmente, a área que retratamos corresponde aos Sudoeste Paranaense e ao Oeste catarinense.” (MALAGE, 2010, p.12)

Isso não tem nada a ver com a derrota prô Criciúma no último domingo e que tirou o campeonato da Chapecoense. Mas eu acho sinceramente que o time de Chapecó deveria mudar de símbolo. Esse negócio de “Índio”, não tem nada a ver com a nossa cultura. Essas terras foram colonizadas por gaúchos. O melhor símbolo para a Chapecoense, seria do gaúcho desbravador. Além do mais a figura do índio, nas três Américas, sempre foi sinônimo de derrota, de fracasso. Os índios sempre foram dizimados, nunca foram bons guerreiros. Perderam suas terras para o povo opressor e colonizador de Europa desde 1500, e foram varridos do mapa. Os últimos descendentes das tribos indígenas viviam esmolando nas ruas, tentando trocar dinheiro pelo artesanato de arco, flecha e cestos. O índio que sobreviveu é a figura melancólica do fim de uma raça. E é isso aí que usamos como símbolo. Não estranha que tenhamos tantas derrotas. Por favor, troque o símbolo da Chapecoense, pode ser até um veado, uma galinha, um porco, mas não ÍNDIO! (LANZINI, 1995, apud VALCARENGUI, 2006, p.48)

As relações de poder são complexas, pois sempre houve uma tentativa de afastar os não brancos (indígenas e caboclos) de referência da cidade, mas, ao mesmo tempo, existem estabelecimentos que levam o nome do cacique Victorino Condá em Chapecó. A pesquisadora Valcarengui (2006), que em seu trabalho pretende compreender a utilização do Condá por brancos e indígenas, percebe a utilização do termo ‘Condá’ por brancos de forma positiva de “ser livre, forte e ajudar no progresso”.

O mesmo não foi percebido na Terra Indígena de Xapecó, em Ipuacú, na qual foi trocado o nome da escola porque fazia referência à figura de Condá, porque os indígenas compreendem que ele foi um “traidor” de seu povo, devido às emboscadas armadas contra os indígenas em cumplicidade com os brancos (VALCARENGUI, 2006).

Partindo dessas informações, é possível entender como o poder do opressor lhe permite caracterizar o tipo aceitável de índio, ou seja, o índio do progresso, aquele que merece destaque, o é porque olha e age conforme a lente e hábitos do colonizador.

2.3 A relação entre brancos e os caboclos em Chapecó

A cidade de Chapecó foi planejada pensando na organização de uma sociedade branca de origem europeia e baseada no sistema de acumulação, distanciando-se assim cada vez mais os caboclos do projeto e impossibilitando uma relação harmoniosa entre os grupos. (PETROLI, 2008)

Na época em que Chapecó foi planejada, o ideal de cidade moderna e progressista estava associado ao planejamento da cidade e à organização do espaço, bem como a uma cultura específica e às características do povo que a constitui. Nesse sentido, os caboclos encontravam-se deslocados, e isso fez com que durante o processo de loteamento feito pelas empresas

colonizadoras, muitos caboclos tenham sido expropriados pela falta de documentação que asseguraria a propriedade da terra a eles, deixando claro a omissão do estado no processo de colonização do oeste catarinense (RADIM, 2006).

A convivência entre brancos e caboclos era marcada por práticas de sabotagens, por exemplo, quando os colonos europeus enganavam os caboclos com ofertas de dinheiro para a realização de trabalhos, e depois do pagamento eles “demitiam” os caboclos expulsando-os assim de suas terras, alegando que estavam ali somente na condição de trabalhadores (RADIM, 2006).

Apesar da convivência conturbada, os dois grupos compartilhavam de alguns costumes, como a religião. Mas, mesmo que ambos fossem católicos e frequentassem a mesma igreja – que foi construída pelos colonos – haviam particularidade nos rituais praticados apenas por caboclos como “o terço cantado”, “recomendar as almas” e a “bandeiras do divino” (RENK, 2006). Além disso, os caboclos eram constrangidos na igreja dos colonos, devido suas roupas e por não conseguirem acompanhar as rezas (RENK, 2006).

As diferenças nos rituais também se manifestavam nas festas religiosas, nas confraternizações e até mesmo a fé no Monge João Maria⁷. Essas particularidades da religiosidade cabocla estavam se perdendo, “o novo [igreja] aqui fica por conta dos jovens [caboclos] e da população migrada, os italianos” (RENK, 2006, p.154). Em outras palavras, construiu-se a igreja católica por italianos, dando o poder institucional da igreja aos brancos, consolidando seu poder cultural e fortalecendo o desprezo pela cultura diferente. E esse poder branco era interiorizado entre os grupos de brancos e não brancos, pois os jovens caboclos praticavam a cultura dos italianos e estavam deixando alguns aspectos da sua cultura religiosa.

Diante disso, observa-se que a branquitude se faz presente nesse contexto, uma vez que através do poder do dominador determina-se o modelo ideal de religiosidade, bem como seu povo. A obra *A Luta da Erva*, descreve conflitos raciais evidentes na acepção produzida por brancos, em que “Esporadicamente, um nativo (caboclo) é lembrado como um negro que até parecia gente branca” (RENK, 2006, p.122). Nessa concepção, o que está em jogo é o uso da branquitude pelo grupo hegemônico “[...] como um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores. (SCHUCMAN, 2012, p.17)

⁷ Ver em: CREMA, Everton Carlos; TONON, Eloy; GOHL, Jefferson William; **Colóquio Nacional de História e Historiografia no Vale do Iguaçu**, N°7 Vol. 1, 2012) (Coord.).Colóquios: Especial dossiê Contestado. 2012.

Em resumo, entende-se por branquitude a construção histórica de poder e do privilégio simbólico e econômico por e para os indivíduos brancos, atuando como modificador da construção, civilização e modernidade, em contraposição aos não brancos (caboclos e indígenas), os incivilizados.

2.4 O Povo Brasileiro e o povo Chapecoense: a expectativa e a realidade

Existe uma característica marcante na colonização e miscigenação do Sul do Brasil que é a predominância da população de origem europeia, que não se identifica como brasileira, mas sim através de sua ascendência. Tal realidade é diferente do restante do Brasil, a qual se constitui através da mistura de povos formando a identidade brasileira.

Ao fazermos um paralelo entre a formação do oeste de Santa Catarina e a formação brasileira, a história de Chapecó é marcada por grupos étnicos e raciais, considerando a miscigenação como exceção, pois não foi significativa. No caso do Brasil, ocorre o oposto, ou seja, o Brasil é conhecido como país miscigenado, embora não signifique que a mistura foi uma relação pacífica e não forçada, pelo contrário, houve muita violência, conforme apontado por Freyre

[...]os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, em uma atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado. (FREYRE, 2003p.70)

Dito de outra forma, houve uma miscigenação entre os povos durante o período colonial no Brasil, que data de 1500 a 1822, com base no poder do branco europeu, nesse caso representado por portugueses.

A colonização do Brasil teve um sistema escravista forte, pois conforme Schwarcz (1996), o Brasil foi o último país americano a abolir a escravidão, e mesmo depois do decreto que aboliu esse sistema, não houve uma alteração significativamente nas relações de dominação entre brancos e negros, porque não houve medidas compensatórias aos recém-livres negros africanos, assim eram mais suscetíveis ao “analfabetismo, criminalidade e mortalidade” (RIBEIRO, 2008).

Portanto, mesmo com a ideia de serem homens e mulheres livres, continuavam acorrentados às relações desiguais e de subordinação em relação aos brancos. A abolição da escravidão não ocorre em sua plenitude, pois os negros não eram considerados e nem portadores

dos mesmos direitos dos brancos. No contexto do século XIX, as desigualdades se ampliaram com a vinda dos imigrantes europeus pobres para disputar trabalho. (SCHWARCZ,1996)

Além disso, por volta do final do século XIX, as elites entram em contato com as teorias darwinistas e evolucionistas⁸, utilizando-as de forma distorcida como justificativa da subalternização das populações negra. (SCHWARCZ,1996). Surgem, a partir disso, muitas teorias e estudos que tentam provar a superioridade branca.

No início do século XX, os intelectuais percebem o Brasil como problema por causa da população negra, na qual foi defendida em Londres no “I Congresso Internacional das Raças” em 1911 (SCHWARCZ, 1993, p.11) “por antropólogos, sociólogos e ativistas sociais de diferentes lugares o mundo”. (SOUZA e SANTOS, 2012, p.1) que a solução seria o branqueamento da população através da miscigenação com pessoas brancas, resultando dessa união. Ou seja, a partir das relações interraciais, nasceriam filhos mais claros e, repetindo o mesmo processo, em um século se construiria um país branco. A história da ciência em busca de branquear a população é uma expressão máxima da branquitude, na qual o branco se coloca como superior.

Houve uma experiência de branqueamento na colonização nacional e de Chapecó. Embora os meios utilizados fossem diferentes, pois no Brasil ocorreu através da miscigenação entre brancos e negros expresso na categoria “pardo” do IBGE. Na colonização de Chapecó em 1917 a categoria do branqueamento era garantida através da separação racial manifestado nos índices da maioria da população ser branca até o último levantamento de dados do IBGE de 2010.

Embora a colonização de Chapecó e a colonização do Brasil não sejam convergentes em seus caminhos, pode-se dizer que pretendiam chegar no mesmo fim: um país branco. No projeto nacional, por meio do contato entre brancos e negros com a miscigenação – esse projeto dura até 1930, período no qual o Brasil se assume com identidade da mistura de povos, ressignificando através da positividade da “democracia racial” de Freyre (1900-1987), na qual não problematiza as relações raciais – e no local, através da segregação dos grupos, mediante a cultura de origem mediadas pelo projeto da “Marcha para o Oeste”.

Portanto, na colonização, tanto os brancos como os negros são descendentes de imigrantes. No entanto, a categoria de imigrantes os diferencia, pois os brancos vieram pressionados, seja por condições econômicas, políticas ou sociais, já os povos vindos da África vieram: “[...] sequestrados, capturados, arrancados de suas raízes e trazidos amarrados aos

⁸ Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

países do continente americano, o Brasil incluído, sem saber por onde estavam sendo levados e por que motivo estavam sendo levados.” (MUNANGA, 2012, p.1)

Ou seja, a disparidade entre os povos foi muito acentuada porque os povos oriundos do continente europeu eram homens e mulheres livres, enquanto os homens e mulheres africanos não escolheram vir e não tinham liberdade no Brasil.

Na perspectiva da obra de Elias e Scotson (2000) analisando a conjuntura atual os outsiders se configuram pelo grupo de haitianos que migrou para o Brasil durante o século vigente, especificamente para Chapecó no caso deste estudo. Diante disso, faz-se necessário que consideremos outros fatores além do tempo de permanência e coesão entre grupos, visto que são situações e relações diferentes que contemplam suas particularidades.

A partir dessas novas considerações sobre a relação entre os grupos, pretende-se compreender como os grupos de haitianos e brasileiros se identificam e reconhecem uns os outros, nas relações de sociabilidade na cidade de Chapecó e na Universidade Federal da Fronteira Sul. Em resumo, considera-se que o projeto de modernização iniciado na colonização surtiu efeito, visto que no ano de 2010 a maioria da população era branca e as empresas localizadas em Chapecó cresceram a um ponto que, conforme aponta o jornalista Debona (2015), precisaram sair do oeste catarinense em busca de mão-de-obra, nesse caso dos imigrantes haitianos. Tal atitude foi motivada com o objetivo de possibilitar a manutenção do progresso na cidade, criando assim um paradoxo sobre o projeto de modernização colonial.

3 AS RELAÇÕES ENTRE HAITIANOS E BRASILEIROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Os estudantes Haitianos(as) da UFFS ingressam na universidade por meio do programa do PROHAITI (Programa de acesso ao Ensino Superior – UFFS). (UFFS, 2013, p.1). A primeira turma ingressa em 2014 na Universidade, até o primeiro semestre de 2016 contava com 36 estudantes haitianos (as) matriculados (BORDIGNON, 2016, p.93)

Considerando o ingresso dos estudantes haitianos (as) na Universidade Federal da Fronteira Sul, nesse capítulo serão analisadas as percepções que os estudantes têm da universidade, da sociabilidade e das dificuldades cotidianas.

Além disso, será abordada a visão dos estudantes brasileiros em relação aos colegas haitianos e as suas disposições para o contato com esse grupo. E nessas representações dos outros e de si e entre grupos de brasileiros e haitianos se apresenta características das identidades, isso porque conforme Barth (1969) as identidades surgem na relação e em oposição de grupos ou pessoas diferentes.

3.1 O ingresso dos haitianos na UFFS- Campus Chapecó

A oferta de trabalho foi um elemento crucial para a vinda dos haitianos a Chapecó. Mas não foi a principal aos olhos dos estudantes haitianos entrevistados da Universidade Federal da Fronteira Sul, pois a oferta do ensino superior é uma demanda dos mesmos, além de ser considerada um caminho para a ascensão social e econômica.

A Universidade Federal da Fronteira Sul proporciona o ingresso de estudantes haitianos através do programa PROHAITI (Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS) através da resolução N° 32/2013 do CONSUNI, a qual tem o objetivo de [...] contribuir para integrar os imigrantes haitianos à sociedade local e nacional, por meio do acesso aos cursos de graduação da UFFS, e qualificar profissionais que ao retornar possam contribuir com o desenvolvimento do Haiti (UFFS, 2013, p.1). O programa proporciona uma forma diferenciada do ingresso aos estudantes, através de um exame realizado pela comissão do PROHAITI, duas vezes ao ano.

A pesquisa de Nierotka (2015) intitulada de “Políticas de acesso e ações afirmativas na educação superior: a experiência da Universidade Federal da Fronteira Sul” aborda as análises

sobre as políticas afirmativas na universidade e sua efetividade no sentido de permanência e sociabilidade haitiana. Para isso, faz um levantamento dos processos seletivos de 2014 a 2015:

Ano	Edital	Campus / Curso	Vagas
2014/1	Edital nº 38/UFFS/2014 (07 de fevereiro de 2014).	Todos os <i>campi</i> ³⁴ , exceto o Campus Passo Fundo, 35 cursos	135
2014/2	Edital nº 359/UFFS/2014 (20 de junho de 2014).	Campus Chapecó, 8 cursos	16
2015/1	Edital nº 052/UFFS/2015 (09 de fevereiro de 2015).	Campus Chapecó, 12 cursos	24

*Fonte: Nierotka,2015.

Além desses, aconteceu também o processo seletivo do Edital nº 571/UFFS/2015, aberto no 2015/2, no qual foram disputadas seis vagas em três cursos no campus Chapecó. (UFFS, 2015). Sendo que, inicialmente o processo seletivo do primeiro semestre de 2014 foi validado 24 estudantes, no segundo semestre de 2014 foram matriculados 12 estudantes, no primeiro semestre de 2015 foram 8 e no segundo semestre de 2015 houve 6 matriculados (BORDIGNON, 2016, p.93).

Conforme Nierotka (2015), o primeiro processo seletivo referente a graduação foi aberto em todos os *campi* da UFFS, entretanto só se efetivaram matriculas no campus Chapecó, dessa forma, os processos seletivos seguintes foram realizados apenas no campus onde havia demanda. Além disso, no campus de Laranjeiras existe a oferta de 02 vagas para o mestrado em Agroecologia para estudantes haitianos.

Para a análise que se segue foram entrevistados no âmbito da universidade onze imigrantes homens com faixa etária entre 24-39 anos e duas mulheres na faixa etária de 23-29 anos. Os entrevistados cursavam Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em Letras –Português e Espanhol, Licenciatura de História, Licenciatura de Ciências Sociais, Enfermagem, Ciência da Computação, Engenharia Ambiental, Administração e Agronomia.

Há consenso positivo entre eles no que se refere ao Programa ‘Pro-Haiti’ proporcionar a oportunidade de uma formação superior no Brasil, ainda que existam reclamações pontuais relacionadas à desorganização do programa. Em uma análise geral das entrevistas, foram elencadas algumas dificuldades comuns entre eles como, por exemplo, a sociabilidade no ambiente universitário, a conciliação do trabalho e do estudo, o auxílio financeiro insuficiente, bem como a questão do idioma, apesar desta última estar em menor evidência que as demais.

Segundo os haitianos, buscam superar essas dificuldades tão latentes, mas alegam não existir política de integração no âmbito universitário, ou seja, defendem que foram “jogadas” dentro da universidade sem um acompanhamento, como relata Clarice:

[...]dificuldade... tenta superar e essa questão de superar a nossa integração, foi assim nós fomos jogados aqui dentro da universidade e ninguém mais vai querer saber nada de nós. A gente sem ajuda de ninguém e tem professores que são... como, como posso dizer se aproximam. Eles fazem contato se oferecendo pra ajudar a fazer o tema e tem outros que não estão nem aí, se você entende ou não, se você compreende, ou seja, não e assim é cada pessoa tem o seu jeito tem o seu jeito de Educar, de formar e nós estamos aí apoiando nenhum ao outro, se tem algum grupo para apresentar que a gente consegue apresentar com ele, a gente apresenta e se não dá a gente apresenta [sozinha] não faz mal. (CLARICE, 2015)

Diante disso, é perceptível que se as interações se encontram fragilizadas acabam prejudicando não só bem-estar dos indivíduos, como também o seu desempenho na universidade, visto que a integração e os trabalhos em grupos são fatores interdependentes.

[...] eu prefiro fazer sozinho, mas eu nunca fiz sozinho, sempre tem alguém que me convida pra fazer junto, mas eu prefiro fazer sozinho, daí tem algumas pessoas no modo de convivência, que de verdade quando você considera alguém como... ou seja, amigo ou por exemplo pra mim quando eu estava no colégio, colega fica amigo também, mas agora eu posso diferenciar que são duas coisas diferentes colega, o amigo são diferente. Um amigo ou um colega, algum que considera você ou que você considera só na sala de aula ok? Um amigo de verdade seu seja na sala de aula ou fora da sala de aula, fica igual contigo, então alguém que.... ou seja, que aparece não ter orgulho de mim fora da sala de aula, não vou ter orgulho de você então. Eu prefiro fazer sozinho as vezes, mas infelizmente nunca fiz sozinho (risos) não, infelizmente porque, porque as vezes você encontra uma pessoa fora da sala de aula e parece que nem tem vontade de cumprimentar assim, tu passa, eu passo também, então é assim. (ASSIS, 2015)

Dito de outra forma: a dificuldade de integração é um fator latente na fala dos entrevistados, principalmente nas experiências de trabalhos em grupo, na quais a maioria afirma não gostar de fazer trabalhos nesse formato. Tal rejeição se relaciona, principalmente, a dois fatores, a saber: ou nunca conseguem se unir a determinado grupo de trabalho, ou se sentem inferiorizados por estudantes que não interagem com os haitianos para além dos trabalhos. Ou seja, a interação ocorre por interesses formais obrigatórios e, por isso, não pode ser considerada como sociabilidade, mas sim como “sociações” entre os grupos.

Por consequência, para um melhor entendimento das relações entre grupos dos haitianos e brasileiros em Chapecó é necessário considerar as contribuições realizadas por Georg Simmel (1893) o qual postula o conceito de “sociações”, que podem ser entendidas como interações compostas por “conteúdos e matérias”, ou seja, relações baseadas em interesses ou objetivos, associadas à possibilidade do sujeito influenciar ou ser influenciado na vida social. Dessa

forma, sociação é entendida como a interação com propósito ou objetivo de algo, por exemplo, a interação entre pessoas devido a um trabalho no coletivo.

Além disso, o conceito de “sociabilidade” de Simmel (1983) será entendido como: interação entre indivíduos ou grupos, na qual não há interesses ou objetivos para além do “sucesso do momento sociável [...] depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre.” (SIMMEL, 1983, p.170). Dessa forma, a sociabilidade ocorre entre iguais, sem pressões ou pretensões externas à sociabilidade. Dessa forma, é a interação entre indivíduos ou grupos como, por exemplo, a sociabilidade entre amigos no intervalo da escola.

Diante disso, uma pergunta que fazemos é: brasileiros e haitianos estão em condições de desenvolverem formas de sociabilidade? O que veremos a seguir é que a interação entre brasileiros e estrangeiros estão comprometidas pelas relações de poder que cortam suas interações mediadas pela racialização, tanto dos brasileiros como dos estrangeiros. Pois “[...] o racismo que se encontra na raiz dos desarranjos sociais extremos vivenciados e praticamente todos os países do mundo, tornando-o a última fronteira do ódio no planeta” (MOORE, 2007, p.280).

A integração e sociabilidade são fundamentais para a vida acadêmica dos estudantes e influencia diretamente na permanência na universidade. Nesse sentido, um estudante haitiano ao final da entrevista individual propõe:

[...]uma formação pros alunos brasileiros também pra ensinar eles o modo de convivência com os outros ok. Eu acho que isso pode fazer parte da... política de permanência dos haitianos, é que não é só pra fazer só com os haitianos é que tem que fazer com aquela pessoa que está vivendo do lado deles também que está estudando com eles, então é isso que eu queria dizer[...]política de permanência não é só dá bolsa ou fala com os haitianos para pedir pra eles pra ficar ou não. (ASSIS,2015).

Além disso, é fato observável e facilmente comprovado que a falta de tempo se torna um empecilho para os estudantes trabalhadores haitianos. Conforme relato do estudante imigrante, ele sai de casa às 06h30min da manhã para chegar na universidade às 07h00min e ficar até perto do meio-dia. Depois disso, à tarde, ele opta por não participar das aulas devido ao trabalho, que inicia às 17h00min até a meia-noite, o que resulta em uma chegada em casa por volta das 00h30min. Considerando essa rotina, o estudante entrevistado demonstra preocupação devido os estudos e o seguimento da grade do curso, já que não pode estudar à tarde porque nesse caso o aluno pertence a um curso integral.

No entanto, mesmo os estudantes de cursos não integrais demonstram a preocupação em relação aos estudos, visto que o tempo é limitado, considerando as dificuldades de estudar em outro país com outra língua, além do desgaste físico que o trabalho proporciona.

Há de se considerar também as dificuldades financeiras para esse grupo, já que alguns dos estudantes haitianos associam o auxílio estudantil como um fator que dificulta a permanência na universidade, uma vez que se trata de um valor irrisório que não permite a sobrevivência apenas estudando. Dessa forma, obriga o estudante haitiano a trabalhar, e trabalhando a vida acadêmica é afetada devido à falta de tempo para estudar e para concluir o curso.

Além disso, entre os estudantes brasileiros nas entrevistas do grupo focal é muito comum ser associado como dificuldade para os estudantes haitianos na universidade a língua portuguesa. Contudo, nas entrevistas realizadas com os estudantes haitianos, a língua portuguesa como dificuldade para os mesmos não foi uma questão expressiva, já que pouco dos entrevistados destacam elementos de dificuldade em compreender e se comunicar quando iniciaram seus estudos na universidade.

Embora a grande maioria dos entrevistados haitianos alegue não sofrer ou saber de algum conflito ou preconceito na universidade, no que se refere à questão racial e de imigração, boa parte dos entrevistados abordam questões mais sutis dos conflitos entre brasileiros e locais no contexto da universidade. A evidência maior diz respeito aos trabalhos em grupos, através da dificuldade de integração em um grupo de estudo, e da dificuldade de fazer amizades e interagir sem objetivos ou interesses, ou seja, sociabilidade para além da sala de aula e de trabalhos acadêmicos.

No que se refere as festas que os colegas de curso fazem fora da universidade, a grande maioria dos estudantes haitianos disse não participar, em parte devido ao horário do trabalho interferir. No entanto outros disseram que não foram convidados, ou que as festas não fazia parte do hábito de seus respectivos cursos e também por falta de interesse como é o caso de Assis:

Hum...no início me convidaram bastante, mas eu não tinha vontade de participar.

Entrevistadora: Porque?

Porque eu não conhecia pessoas, no início era difícil pra mim, por exemplo, fizeram uma proposta de fazer festa na laje, eu nem sei onde fica a laje (risos) ok! Se eu for lá, e acontece alguma coisa, todo mundo tem que voltar sozinho, então é que eu ia encontrar mais dificuldade do que eles [brasileiros] daí eles [brasileiros] são do país deles, tipo a religião deles e tipo eles [brasileiros] seriam mais prontos pra acolher eles [os brasileiros] do que eu, eu acho. (ASSIS, 2015)

Considerando a pesquisa realizada através de entrevistas individuais e o grupo focal com estudantes brasileiros, acrescentado das entrevistas com haitianos da Universidade Federal da Fronteira Sul, percebendo as relações entre os grupos envolvidos nessa interação, percebendo como se veem e como são vistos, levando em conta que o fato de ser branca, brasileira e estudante da universidade possa, de alguma maneira, influenciar as falas dos estudantes entrevistados.

3.1.1 Os haitianos como colegas para os estudantes brasileiros na Universidade Federal da Fronteira Sul

A Universidade Federal da Fronteira Sul lança mão de alguns programas de “política de acesso a ações afirmativas” para o ingresso de estudantes no ensino superior, como é o caso do PIN⁹, do PROHAITI, da lei das cotas para negros e também as cotas para indivíduos que estudaram exclusivamente em escola pública ou a maior parte da educação básica. Assim sendo, esses programas afirmam a universidade como um espaço da diversidade (NIEROTKA, 2015).

Aos olhos dos estudantes brasileiros da universidade no grupo focal e nas entrevistas individuais, a universidade é um espaço da diversidade por: “trazer estudantes de todos os lugares, crenças, estilos e também por ter várias áreas do conhecimento”, sendo classificada e defendida como lugar da diversidade e pluralismo de ideias.

Embora os estudantes brasileiros nas entrevistas e no grupo focal entendam que a universidade é diversa, não quer dizer que ela esteja imune de problemas, pois no que se refere especificamente aos estudantes haitianos, os brasileiros percebem que sofrem com a língua, interação e preconceito no lugar da diversidade.

No sentido da integração entre haitianos (as) e brasileiros (as), através da percepção dos brasileiros, a convivência aparece de forma restrita, como na entrevista individual “eles são mais na deles (Chico)” e também argumentam a ideia que os brasileiros tem receio de conversar e não entender ou não ser compreendido pelos estrangeiros (Cássia). A entrevistada Mariza destaca que em relação à integração essa acontece em momentos muitos episódicos:

Com alguns, eu vejo que é só com alguns, com quem eles [haitianos] têm mais intimidade de falar, porque querendo ou não eu acredito que as pessoas [brasileiras] têm uma visão meio que,.. são meio preconceituosos, a gente vê e nem eles [haitianos] acabam se relacionando.(MARIZA, 2016)

Entrevistadora: preconceituoso em que sentido?

⁹ (PIN) Programa de Acesso e Permanência dos povos Indígenas

Mariza: muito racial, eu vejo na minha sala tem isso. (MARIZA, 2016)

Ou seja, esses trechos carregam representações de possíveis problemas em relação à integração, como é o caso da língua, da personalidade de cada um e do próprio preconceito racial. É interessante observar também que isso não só constrói barreiras na convivência e no bem-estar entre os grupos, como também prejudica o rendimento acadêmico dos alunos haitianos, considerando principalmente os trabalhos em grupos.

No que se refere aos trabalhos em grupos, a grande maioria dos estudantes brasileiros do grupo focal pertencentes dos cursos de licenciaturas afirmaram não ter realizado trabalhos em conjunto com haitianos. Apenas duas pessoas relataram que foi tranquilo, pois dividiram os temas para cada um e no dia apresentaram, mas destacando a dificuldade que os colegas estrangeiros tinham em relação ao português.

Outro relato de experiência de trabalho em grupo apresentado por Cássia do curso de Administração (doravante ADM) que afirma que:

Vários, as vezes é complicado, mas é, no caso normal, como desempenho depende de cada pessoa, teve trabalho que minha colega foi super presente, ela foi atrás ajudou nos com as entrevistas e a fechar os cálculos, e outra experiência que eu tive é que ele meio que largou assim na nossa mão, acho que vai de cada um, pra mim é normal.

Entrevistadora: normal no caso...?

Cássia: normal no caso, alguns ajudam alguns não, alguns falam outros não. (CÁSSIA, 2016)

Em outras palavras, em relação ao desempenho dos estrangeiros, para os brasileiros dos cursos de licenciaturas, os haitianos apresentam um desempenho menor, argumentando por serem disciplinas que exigiam muita carga de leitura e escrita e considerando a língua. Tal fato é percebido por Mariza de ADM em relação ao português, mas descreve outra realidade quando as habilidades exigidas não passam pelo domínio da escrita ou da língua diretamente: “[...]meu colega [haitiano], ele tinha bastante dificuldade em produção textual 1 e 2, era bem difícil pra ele, ele ia bem mal, mas já em matemática ele ia super bem ele era um dos melhores que tinha.” (MARIZA, 2016).

Os brasileiros consideram que a língua seja a grande barreira para as dificuldades que os haitianos experimentam em sua relação com a universidade, ao ponto que foi o tema que mais gerou diálogo no grupo focal realizado com os brasileiros, bem como nas entrevistas individuais dos brasileiros, ao ponto de questionarem as políticas de inclusão da universidade:

Por exemplo, quando a UFFS dá acesso à universidade para os haitianos, nesse caso específico a universidade ela dá condições, sei lá através de curso, sei lá.... enfimdidática, para esses haitianos chegarem... mais preparados pra universidade? Para ter esse contato com as pessoas e para não passar pela dificuldade do português dessa adaptação ao português por exemplo, a universidade dá essas condições para os haitianos? (ZECA, 2016)

Alguns dos participantes argumentaram que sim, que há um suporte por parte da universidade para esse grupo de estudantes, mas outros colegas não sabiam se isso ocorria de fato. Por outro lado, a dúvida sobre a existência ou não de estudantes senegaleses na universidade é primordial, pois aponta para um desconhecimento dos estudantes em relação às práticas propostas pelo programa de inclusão.

Em relação as práticas de sociabilidade para além da universidade, considerando as festas dos cursos, Mariza disse não saber responder, porque não participa por não gostar de sertanejo. Cássia disse convidar os colegas haitianos, mas não foram porque trabalhavam. Outros também fizeram uma festa e convidaram os colegas haitianos mas ninguém foi, conforme Zeca não sabe o motivo porque achou invasivo perguntar.

Embora não fosse visível, os conflitos entre haitianos e brasileiros, na universidade, ficou evidente num episódio que ocorreu no (RU) restaurante universitário, quando colocaram uma banana na mochila de um estudante haitiano do curso de ADM, no final do ano de 2015. Esse ocorrido foi citado depois de um longo espaço de tempo quando perguntado no grupo focal dos estudantes brasileiros se haviam presenciado ou ouvido falar sobre algum conflito entre brasileiros e haitianos na UFFS. Embora a grande maioria não soubesse ou não tivesse ouvido falar sobre o ocorrido, todos, de forma homogênea, repudiaram esse ato, afirmando que racismo é crime. Esse ato de racismo não foi citado pelos estudantes haitianos porque ocorreu depois que eu já havia realizado as entrevistas com os haitianos.

De forma geral, há um desconhecimento dos brasileiros em relação aos haitianos e do Haiti, o que é possível conjecturar através da falta de interesse dos brasileiros visível nas entrevistas realizadas com docentes da rede municipal, aplicadas por Bordignon (2016). Essa pesquisa tinha como objetivo analisar os reflexos da inserção de haitianos em espaços educacionais, e uma das entrevistadas, professora de uma criança haitiana, relata que “[...] não me inteirei muito na situação deles de vinda, de porque teriam vindo. Eu sei que foi por uma situação de guerra, conflito, enfim [...]” (BORDIGNON, 2016, p.133). Esse desconhecimento também marca as relações interpessoais entre brasileiros e haitianos.

O entrevistado haitiano, Cunha, estudante da UFFS, resume isso dizendo que os brasileiros fazem a pergunta errada, porque indagam: “Você é africano?”, Ao invés de perguntar “De qual país você é?”. Por muitas vezes se considera que os haitianos são provenientes do

continente africano, e desconhecem a origem americana destes, maior exemplo da falta de conhecimento e de associações pré-concebidas por razões fenotípicas: a associação imediata entre negros e africanos, desconsiderando os processos de colonização capitaneados pelos europeus, que resultaram na diáspora africana, ao se fundarem no trabalho escravo e no tráfico de africanos para tal fim.

O trabalho de campo com as entrevistas individuais e também no grupo focal com os estudantes brasileiros mostrou que não há entre os estudantes da UFFS nenhuma referência mais específica à cultura haitiana, ao contrário, as impressões se apresentam de forma superficial e generalizada.

A diferença que eu vejo neles é de pessoa pra pessoa, assim como nós, acho que o que muda é a cultura e o idioma, mas não vejo diferenças como: “faz isso porque é haitiano ou porque é brasileiro” ou “não faz isso porque é brasileiro ou porque é haitiano”, percebo que as coisas mudam dependendo da pessoa. (CÁSSIA, 2016)

Ou seja, é compreensível que os haitianos sejam mais atentos às diferenças porque são obrigados diretamente a viver a cultura brasileira, o que não acontece com os brasileiros em relação aos haitianos. Dessa forma, fica expresso nas falas dos entrevistados que não sabem destacar diferenças, a não ser da língua e cultura de forma geral, sem destacar elementos culturais específicos.

E, por fim, existe um reconhecimento por parte dos estudantes brasileiros de falta de conhecimento e diálogo na universidade, expresso na fala de uma estudante brasileira no grupo focal, e seu questionamento se haveria mais encontros de rodas de diálogos frisando a importância de tais práticas, pois “[...][discussão, diálogo] é algo que faltou na universidade porque dá para ver que tem muito preconceito e muita intolerância tipo religiosa e questão de opção sexual, posição política, de tudo.” (GADÚ, 2016).

Nesse sentido, os brasileiros afirmam que a cidade é um espaço difícil para os haitianos devido ao preconceito, mas que a discriminação também permeia as relações na universidade, não com a mesma força e intensidade que o espaço urbano, mas consideram que está presente e há a necessidade de pensar mecanismos para auxiliar a integração e o diálogo entre os estudantes. É necessário considerar que foi mais evidente para os estudantes brasileiros do que para os estudantes haitianos a questão do preconceito na universidade, o que pode ser sido resultado de uma inibição por parte dos alunos haitianos, uma vez que as entrevistas foram realizadas por uma brasileira, branca estudante da universidade.

3.2 A construção da identidade haitiana e a reconção dos brasileiros em Chapecó

A noção de identidade é necessária para compreender as relações, os comportamentos e as classificações entre grupos de haitianos e brasileiros. Embora anteriormente ao conceito de identidade, é importante compreender a cultura, já que a identidade é inerente à cultura.

Sendo assim, entendemos por cultura conforme conceito de Roberto da Mata (1981) como:

[...] um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos, mais (ou menos) apropriados de comportamento diante de certas situações. (MATTA, 1981, p.2)

Ou seja, é através dessas normas, códigos e hábitos que é possível caracterizar e identificar os grupos ou indivíduos. Além disso, Matta afirma que toda sociedade ou grupo detém cultura, a única diferença entre as culturas ou grupos é o poder ou domínio de se intitular ou classificar como norma em oposição aos outros. Como é o caso da classificação de “cultura popular” e “cultura erudita”, entre outros.

No que se refere aos conceitos de identidade, há todo um campo complexo de estudos que foi criado em relação ao termo, que não serão tratados nesse momento. Pois o foco é apresentar algumas características do conceito de identidade para ajudar a compreender as relações entre brasileiros e haitianos na universidade Federal da Fronteira Sul da em Chapecó. Para tal análise, será utilizado o conceito de identidade “relacional e situacional” de Frederik Barth (1969) revisitado por Cuche (1999) na qual explica a oposição dos grupos:

[...]a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também, para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (BARTH, (1969 apud CUCHE, 1999, p.182)

As identidades são múltiplas e dinâmicas. Em uma cultura particular é possível perceber a formação de identidades multifacetadas, motivadas por critérios de gênero etnia, língua, religião etc, como são relacionais à conjuntura política, social ou econômica de uma identidade em detrimento de outra.

Segundo Cuche (1999), Frederik Barth (1969) traz o conceito de fronteiras de identidade, que são marcação de identificação seletiva dos grupos, sejam elas simbólicas ou físicas. A partir disso, a identificação do “nós” é positivo e o “outro” é negativo, e essas demarcações estão passíveis de mudança conforme as relações situacionais.

Há, também, o conceito de identidade de resistência, postulado por Calhoun (1994) e apresentado por Munanga (2012)

A identidade de resistência, que é produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante. Para resistir e sobreviver, eles se barricam na base dos princípios estrangeiros ou contrários aos que impregnam as instituições dominantes da sociedade (MUNANGA, 2012, p.3)

Diante disso, percebe-se que se trata de uma cultura da resistência, que tem como intuito valorizar a prática e a cultura que não são valorizadas pela cultura dominante. Exemplo disso é o caso da cultura dos caboclos em relação à cultura dos colonos, em relação ao sistema econômico de subsistência em relação a acumulação, como apresentado por Arlene Renk (2006).

Numa tentativa de aproximar-se das identidades haitianas em Chapecó, objetiva-se compreender como os haitianos se percebem nesse lócus e como definem ou qualificam os brasileiros residentes na cidade. Durante muitos momentos das entrevistas individuais com os estudantes haitianos da UFFS, percebeu-se como os haitianos se comparam aos brasileiros e nessas oposições surgem muitas variantes que constituem a forma como se auto percebem nas vivências com os brasileiros.

No entanto, evidenciou-se que essa auto percepção e percepção dos outros torna-se mais evidente no momento de uma pergunta específica, como por exemplo: percebem diferenças entre brasileiros e haitianos? E quais seriam elas? Essa pergunta trouxe um certo desconforto para alguns estudantes haitianos, que diziam sim rapidamente em relação às diferenças, mas ao especificar quais as eram, havia um certo constrangimento seguido de pausas, sendo que um dos entrevistados chegou a responder que essa é uma pergunta complicada.

Apesar disso, alguns pontos foram ressaltados das entrevistas: resistência do haitiano, a autoestima, o orgulho haitiano, o estilo de roupas. Seguem algumas percepções dos haitianos acerca das suas experiências:

No modo de ser todos nós somos humanos, na verdade, mas no modo de pensar, de ações, mas tem bastante diferenças...os brasileiros, tipo as vezes eles não conseguem resistir, é que eles sempre têm vontade de desistir das coisas, quando a coisa parece um pouco difícil e o brasileiro já está pronto pra desistir (risos) é isso mesmo, mas os haitianos sempre se esforça mais pra conseguir chegar no ponto que é uma diferença a mais comum” (ALENCAR,2015)

Essa não é uma percepção apenas de Alencar, mas da grande maioria dos entrevistados. Em suas falas, ressaltam as fronteiras em que o haitiano é lutador, que não desiste, e como

exemplo dessa força é destacada a independência do Haiti, sendo o primeiro país da América a acabar com a escravidão. Por outro lado, há os brasileiros que são fracos, desistem, ou seja, quando um grupo pode contar a sua versão da história, ela sempre será selecionada com as positivities, enquanto o outro é visto de modo etnocêntrico¹⁰.

Os elementos da resistência e da força e orgulho do Haiti são muito característicos nas entrevistas, bem como o orgulho de ser negro, como é percebível na fala de Clarice:

O haitiano ele tem essa visão, mesmo sendo um negro, mesmo sabendo que o nosso mundo, não é só o Brasil, seja o mundo veja o negro como sendo uma pessoa que tem certas incapacidades, o haitiano ele não é assim, ele vai atrás ele corre ele aproveita as oportunidades, não estamos falando que o haitiano é um super-homem, ou seja, um super ser humano, não, nós estamos falando de um ser humano igual a todos, eles tem... eu adoro ser assim, porque eles têm perspectivas que eles não se sentem limitados, mesmo com as dificuldades.(CLARICE, 2015)

Nessa pergunta sobre as diferenças entre os haitianos e os brasileiros, Andrade ressaltava a questão da luta e reivindicação na sua fala:

(risos) é muito complicado essa pergunta, mas a diferença pra mim...haitiano pra mim (risos) não sei como posso responder essa pergunta, porque pra mim é muito complicado...ok o haitiano tem o sentido de reivindicação se você fizer [algo a] um haitiano uma coisa que ele não aceita, ele vai reivindicar, mas um brasileiro ele [tem] medo do chefe, haitiano não, porque haitiano não vai ter problema pra pedir, não aceita, não aceita, mas um brasileiro fica preocupado.(ANDRADE, 2015).

Ademais desses pontos, ressaltam diferenças de estilo no vestuário e calçados, pois afirmam que os haitianos têm um estilo mais americanizado em relação aos brasileiros com roupas mais ultrapassadas. Um exemplo mencionado é o uso pelos brasileiros do tênis com amortecedor, que para os haitianos são utilizadas exclusivamente para a prática de exercícios ou esportes e não para sair, trabalhar ou estudar, como é o caso dos brasileiros.

As diferenças percebidas por haitianos vão além do gosto estilístico, pois ressaltam características específicas da moral e da religião dos haitianos em oposição aos brasileiros:

[...]a gente não tem uma certa tolerância que o brasileiro tem, o haitiano não tem, aqui a gente aceita algumas coisas né, a gente não tolera, tem uma diferença em tolera uma coisa e aceita entendeu? Porque por exemplo, eu posso, eu posso dizer que, 95%dos haitianos aqui aceita essa questão de gay né, Entendeu? Aceita que o outro é homo entendeu? Outro é lésbica, 95% aceita, não tolera, entendeu? [...] no Haiti ninguém tolera isso porque, a gente [tem] a religião é muito forte. Tem uma questão de religião é por isso que eu falo que a questão de ser do brasileiro e do haitiano é muito diferente

Entrevistadora: mas quando você fala em concepção de vida...

Concepção de vida, a gente tem lá no Haiti, se você é religioso você não pode fumar entendeu? Eu tô falando de cigarro, nem tô falando de maconha, e também se você é religioso não pode aceitar isso, não faz parte da vida entendeu? Você não vai pro céu.

¹⁰ Etnocentrismo: perceber o outro através da própria cultura. Ver: ROCHA, Everardo P. G. *O que é etnocentrismo?* São Paulo, ed. 5ª Brasiliense, 1988

A nossa concepção de vida é diferente, nesse sentido, você vai ver que tem uma...maioria do Brasil que não pensa assim, que não pensa depois da vida. A gente, o haitiano pensa depois da vida (risos) da morte, a gente tem uma cultura, depois da morte nós temos uma questão eterna, você vai ver que tem uma maioria dos brasileiros que não tem essa concepção tipo da vida eterna o haitiano tem uma concepção da vida eterna. (BARRETO,2015)

A moral e a religiosidade expressas nas representações do entrevistado haitiano da UFFS demonstra características mais abstratas em relação às diferenças entre os grupos, não só isso como também a maleabilidade das identidades no que se refere ao comportamento entre tolerar e aceitar, visto que a relação situacional proporciona.

Em relação a essas diferenças entre os grupos, os haitianos se caracterizam como povo de luta, de resistência e orgulhosos de sua negritude. E esses elementos fazem relação direta com a história da independência do Haiti, o que é percebido nas falas de todos os entrevistados. Dessa forma, faz-se necessário pensar a história da independência do Haiti que é parte constituinte da identidade haitiana.

A Independência do Haiti é motivo de muito orgulho para os haitianos porque é bastante referenciada nas entrevistas como algo positivo, na qual o oprimido, no caso os haitianos, vencem os opressores, os colonizadores, conquistando sua independência. O pesquisador Handerson (2015) contribui para a compreensão desse processo da independência haitiana em seu trabalho intitulado: *Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: Identidades Culturais e Sistemas Religiosos como Concepções de Mundo Afro-Latino-Americano*. É através de elementos da história e da identidade haitiana que nos é possível a estabelecer relações entre o orgulho de si nas falas haitianas e a história de luta contra o regime colonial. Desse modo, é importante elencar rapidamente alguns pontos sobre o processo de independência haitiana para compreendermos melhor esse fator histórico constituinte das identidades.

O Haiti vivenciou o sistema escravista por muito tempo, e foi através de batalhas que os haitianos conseguiram a independência. Essas batalhas são divididas em três fases: a primeira com ênfase nos mulatos Vincent Ogé e Baptiste Chavannes, que reivindicaram a igualdade de direitos, através do diálogo com os colonos e, sem sucesso, partiram para a batalha. Depois de um tempo, acabaram fugindo para atual República Dominicana e foram mortos.

A segunda fase foi uma organização dos mulatos livres que lutaram em prol dos direitos iguais aos brancos franceses, e para tal fazem parceria com os negros escravizados e acabam por ganhar a batalha. E com a batalha ganha os mulatos ganham espaço político, enquanto os negros escravizados ganham a morte, já que os mulatos entregavam os negros escravizados que ajudaram nas batalhas aos colonos.

A terceira fase da revolução é marcada por organizações dos negros, sem o auxílio dos mulatos livres. Nessa fase, os negros se organizavam através das práticas religiosas do Vodou, religião ligada utilizada na organização contra a escravidão. Nesse contexto, Boukman, o líder religioso e revolucionário, ganha notoriedade, pois era o sacerdote do Vodou e também exercia uma função de capataz, cuja função dava acesso aos brancos e mulatos e, portanto, sabia das políticas dos opressores, tudo em prol do extermínio dos mesmos.

O vodou é o fator central da conquista da independência no Haiti, pois ele funcionou como uma religião, uma língua própria para os negros escravizados, e também como justificativa de encontros e organização contra a escravidão (HANDERSON (2015).

Outro grande revolucionário foi Toussaint, um escravo que tinha certos privilégios como o letramento, sendo alocado em atividades administrativas que o ajudaram muito no acesso aos negros, como também às leituras para pensar a economia, bem como as batalhas. Entretanto, em 1792 foi acusado de atos suspeitos e preso na França até sua morte em 1803, um ano antes da independência na qual tanto sonhava. Seus companheiros de lutas, Dessalines e Christophe, ambos escravizados, realizaram o seu sonho em 1804, quando proclamaram a independência do Haiti.

Dessalines foi o primeiro governante e mais tarde proclamou-se imperador da parte sul, exterminando os brancos, com exceção aos americanos e dos médicos ou religiosos. Já Christophe foi imperador da parte norte, porque na época o Haiti foi dividido em duas partes (HANDERSON, 2015).

O processo de independência do Haiti é a personificação da identidade de resistência, pois os indivíduos oprimidos, no caso os haitianos escravizados, conseguem através da luta a independência e com ela a autonomia da cultura que foi oprimida. Exemplo disso relaciona-se ao trabalho, pois deixam de lado o sistema agroexportador de açúcar que era da cultura dominante para a agricultura de subsistência, resgatando as raízes da cultura que foi saqueada com a escravidão (HANDERSON, 2015).

O grupo dos estudantes haitianos da UFFS buscam elementos históricos positivos para se identificar como a independência e à vitória em relação ao governo francês. Ou seja, a construção das identidades escolhe elementos que qualificam para compor suas identidades. Em razão das relações de poder e subordinação na qual estão inseridos, é uma forma dos haitianos responderem a elas, ressaltando aspectos positivos de si e de sua história e relação aos outros os brasileiros.

As relações entre grupos de brasileiros e haitianos na Universidade Federal da Fronteira Sul no campus Chapecó iniciam-se com o PROHAITI e por ser um programa novo existe uma

dificuldade para tratar das demandas pós implantação como a permanência ligadas as questões econômicas e de integração para os estudantes haitianos.

Essas demandas estão relacionadas as dificuldades dos estudantes haitianos em compor os grupos de trabalhos na universidade, bem como a integração de uma forma geral e informal nas relações entre haitianos e brasileiros na universidade, bem como as dificuldades de permanência relacionadas as questões econômicas.

Os estudantes haitianos e haitianas que compõe a universidade residem em Chapecó estão nas ruas, nos ônibus, nas lojas, nos empregos, quer dizer, que se relacionam com os brasileiros que residem na cidade de Chapecó e com base nessa interação entre haitianos e brasileiros em outros contextos e locais que não o da universidade, como se configuram as representações dos estudantes haitianos no trabalho, nas ruas de Chapecó? E qual a visão dos estudantes brasileiros em relação a percepção e tratamento da presença haitiana na cidade de Chapecó, no trabalho, nas ruas, na região?

4 REPRESENTAÇÕES DOS HAITIANOS E BRASILEIROS: AS RELAÇÕES RACIAIS NA CIDADE DE CHAPECÓ

O deslocamento dos haitianos para o Brasil ocorreu a partir de 2010, por um conjunto de fatores de ordem política, social e econômica que se intensificaram, com o terremoto na capital do Haiti. Além disso, contaram com o apoio do Brasil na abertura para a vinda dos imigrantes, bem como a visibilidade do Brasil através da MINUSTH¹¹ na qual o exército brasileiro se faz presente desde 2004 (HANDERSON, 2015).

A mobilidade dos imigrantes no Brasil, especificamente para Chapecó, ocorreu devido a busca por mão-de-obra de empresas do oeste catarinense. Conforme matéria do jornal Diário Catarinense, por Debona (2015), os haitianos ficavam no Acre a espera de oportunidades de emprego no Brasil, e a primeira empresa do oeste catarinense a usar o recurso de mão-de-obra haitiana foi a Fibratec em 2011. Movimento que foi seguido pelos frigoríficos locais.

O trabalho se apresenta como um dos fatores principais para a vinda dos haitianos para a região de Chapecó, mas não foi o único, pois haitianos estudante da UFFS entrevistados afirmam que as motivações estão relacionadas, principalmente, à oferta do Ensino Superior para estrangeiros. Conforme entrevista com o estudante haitiano José que explica que “[...] tinha um sonho de poder estudar em um país estrangeiro porque quando a pessoa estuda em outro país, quando você vai, volta pro Haiti, você vai ter mais respeito você deve trabalhar também... e... é.. Nas grandes instituições, você vai ganhar mais” (JOSÉ, 2015).

Ou seja, existe uma expectativa partilhada entre os entrevistados ao afirmar que o ensino superior é importante com base em dois fatores: o prestígio social e o prestígio econômico. No caso específico dessa entrevista, está relacionado à possibilidade de volta para o Haiti, mas ele também cabe ao contexto do Brasil, pois pode possibilitar ocupar funções melhor remuneradas em conjunto com o prestígio ou respeito.

Através de entrevistas individuais com os haitianos estudantes da UFFS, em conjunto com as entrevistas e grupo focal dos estudantes brasileiros, podemos compreender alguns aspectos das representações que cada grupo tem de si e dos outros. Essas representações não aparecem apenas no contexto da universidade, como também em outros lugares da cidade como no trabalho, nas ruas e lojas de Chapecó.

¹¹ (MINUSTH) Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

4.1 A interação entre os grupos percebida por e para haitianos e brasileiros no contexto de Chapecó

O PROHAITI foi fundamental para a inserção de estudantes haitianos na universidade. O programa é fruto de “visitas insistentes[...] que marcaram presença junto à Assessoria Internacional da Universidade Federal da Fronteira Sul (BORDIGNON, 2016 p.93)” por alguns Haitianos que apresentavam como demanda o ensino superior para estrangeiros na região.

No contexto da universidade, para os estudantes haitianos entrevistados, não há preconceito ou discriminação, ainda que durante o andamento das entrevistas relatem a exclusão e o sentimento de subalternização em relação aos trabalhos em grupos. No ambiente universitário, as relações de preconceito e exclusão são mencionadas de forma sutil.

Por outro lado, as relações dos estudantes haitianos vividas no contexto da cidade e do trabalho revelam com mais ênfase essa discriminação, pelo o que identificamos como práticas de racismo. Entendemos aqui por racismo a definição de Moore (2007) na qual: “[...] o racismo é uma recuperação cultural de um conjunto de comportamentos agressivos, violentos e egoístas cuja finalidade é a estruturação e a sustentação de sistemas de gestão dos recursos em termos racialmente monopolistas.” (MOORE, 2007, p.284-285).

Um relato que demonstra tal prática é retratado pela fala do estudante haitiano Barreto que ao andar pelo centro da cidade ouviu de um brasileiro gritando enquanto o chamava de “[...] ‘macaco’, me chamando de ‘haitiano de merda’, ‘volta no seu país aqui ninguém gosta de preto (BARRETO, 2015).”

Quando o tema é a cidade ou o trabalho, os haitianos e haitianas entrevistados descrevem situações claras de discriminação racial, na interação entre nacional e estrangeiro na região oeste, sentidas mais fortemente do que em outros locais do país pelos quais já passaram. É o que nos indica Clarice:

[...] é um povo mais acolhedor e é menos preconceituoso lá em Manaus, mesmo que tenha uma vida mais barata e digo pelo mercado de trabalho, eles pagam menos a gente recebe menos e gasta menos também, o aluguel é menos caro lá, aqui em Chapecó eu vivenciei coisas que eu nunca imaginei, o preconceito é bem forte, nessa região deve ser que é uma região branca né, de pessoas brancas, mas a gente consegue enfrentar essas coisas, mesmo com tudo isso acontecendo agente também encontra pessoas que apoia que ajuda que acolhem com todo o carinho e isso ficou marcado pra mim. (CLARICE, 2015)

Ou seja, é interessante essa constatação de Clarice tendo em vista que a composição demográfica da cidade de Manaus, conforme os dados do IBGE de 2010, é composta por um

número menor de pessoas brancas: a população de brancos é de 26,59% enquanto de pardos é de 67,83%, ou seja, os brancos não constituem a maioria da população, ao contrário da supremacia branca em Chapecó de 76,68% em 2010.

Outro entrevistado citou uma situação que viveu no transporte público da cidade, em que duas senhoras se recusaram a sentar-se no lugar que ele ofereceu por que no banco ao lado se encontrava outro haitiano: “[...]ela não vai sentar do lado dele por que ele é preto entendeu? Então ela não quis sentar por causa dele, ela não quis sentar por causa que eu ofereci o meu lugar para ela entendeu?” (CUNHA, 2015).

Situações como essa foram relatadas por muitos dos haitianos entrevistados. A falta de interação com os brasileiros e os conflitos raciais vividos expressam o desejo dos moradores locais de manterem distância dos haitianos, e a possibilidade de contatos entre chapecoense e haitianos é vista como uma ameaça. Para os haitianos, as relações de boa convivência com brasileiros são exceção, o que predomina são experiências de distanciamento. É comum os haitianos caracterizarem os moradores locais como: “reservados” e “fechados”.

Em Itajaí, eu trabalhava na construção, as pessoas eram muito abertas, a gente conversa daí a gente sente que não tem uma diferença, mas aqui existe, você vê que tem uma diferença, quando as pessoas falam com você, mas elas estão obrigatórias com você, porque no trabalho você tem que falar, mas é por obrigação é assim que eu entendo reservado. (AZEVEDO, 2015)

As categorias dos estabelecidos e *outsiders* pode ser aplicada nessa situação para explicar a relação de “domínio” dos chapecoenses em relação aos haitianos, acrescida de novos elementos que são as diferenças sociais, econômicas e raciais, que não faziam parte da obra de Norbert Elias e Scotson (2000). Isso pode explicar as dificuldades de interação que o grupo dos imigrantes sofrem na cidade.

Além das dificuldades de interação entre brasileiros e haitianos, devido a um conjunto de fatores de ordem cultural, econômica e racial, ao mesmo tempo existe também um processo no que se refere às interações e sociabilidade dentro do próprio grupo de haitianos que vivem em Chapecó, isso fica explícito no trecho de entrevista a seguir:

Depende, depende tem diferença, sabe, em certas áreas, tem preferência pra Chapecó e outras preferências pra Cascavel, foi junto família, minha família eu tenho meu irmão, ele mora lá [em Cascavel], mas aqui [em Chapecó] eu não conheço ninguém, tipo [tive] que fazer novos amigos, pra poder mora aqui, assim a diferença, tem diferença, tem diferença, eu tenho lá mais conhecido do que aqui, aqui tem mais haitianos, mais eu não conheço eles, sabe, a gente pode ser haitiano, haitiana, sabe, mas a gente não se conhece, assim tem outras diferenças também, sabe pra explicar, bem complicado, porque eu queria explicar em cada área qual é a diferença né. (POMPEIA, 2015)

É preciso entender que os conflitos estão intrínsecos nas relações sociais, ou seja, mesmo dentro de um grupo – nesse caso, o grupo de haitianos – existem divergências estabelecidas pela individualidade de cada um, demonstrando a dinamização da identidade. No imaginário local, há uma tendência em homogeneizar os haitianos, contudo é verdade que as relações de amizade e de solidariedade têm ocorrido predominante entre os próprios haitianos, por conta das relações de poder envolvidas entre locais e estrangeiros.

Os brasileiros entrevistados reconhecem a relação de poder que se coloca na interação com os haitianos devido ao branqueamento da população, iniciado no período de ocupação do oeste catarinense. É perceptível também a naturalização do preconceito e da hostilidade em que essa relação é embasada, como se a vinda dos haitianos ameaçasse a qualidade de vida – “... eles vêm roubar nossos empregos...”, é uma percepção constante no imaginário local.

Entretanto, existe uma diferença clara na fala haitiana e na fala brasileira: os haitianos falam a partir de suas experiências individuais, e os brasileiros falam a partir da sociedade em que se inserem, das percepções que têm a partir do grupo em que estão inseridos. As falas dos estudantes brasileiros universitários entrevistados são no sentido de questionar as relações de poder estabelecidas e de evidenciar o elemento racial envolvido nessas interações:

A chegada de haitianos não é só em Chapecó também do extremo Oeste, no caso eu sou de Itapiranga, e lá no caso, também tem a agroindústria e também tem bastante haitianos indo pra lá e senegaleses e também é essa questão: “estão roubando nossos empregos”, “vem aqui faz um monte de filho pra ser sustentado pelo governo”, “eles não pagam aluguel”, “não pagam nada”, só que não é essa a realidade, tipo não sabem os motivos do porque eles vieram pra cá ou até sabem, “tá! E daí?” “Tão aqui roubando nossos empregos” e até pessoas próximas da gente que... não é legal ficar ouvindo essas coisas... (GADÚ, 2016)

Escutar isso da própria família as vezes é deprimente é... é difícil mudar a visão de alguém que já está... “porque é um bando de preto, que vieram roubar os empregos...” (IVETE, 2016)

Mesmo que os universitários entrevistados façam críticas às representações negativas em torno dos imigrantes haitianos, é possível afirmar que os estudantes da universidade não dão espaço em seu cotidiano para que haja uma maior interação entre grupos, pois através de uma simples observação no Restaurante Universitário (RU) é possível identificar o grupo de estudantes haitianos sentados juntos em uma mesa, e até mesmo na hora do intervalo é comum estarem sempre juntos. Outro fator evidenciado é o da sociação, quando há dificuldade em fazer trabalhos em grupos, na qual são chamados apenas quando interessa aos brasileiros.

Além desse ambiente universitário, o que se encontra fora dos muros da universidade não é tão melhor. Na relação com os brasileiros que residem em Chapecó, fora do espaço universitário, também esse distanciamento é sentido, visto que nas entrevistas realizadas por

Andreola (2015) poucos haitianos e senegaleses haviam provado o chimarrão¹², cuja função social é a sociabilidade, pois é a forma como geralmente o anfitrião recebe seus convidados ou visitas de amigos, vizinhos e familiares. No caso dos estudantes haitianos, diferentemente dos haitianos e senegaleses, que não estão na universidade, uma boa parcela deles havia experimentado o chimarrão, mesmo que não foi estritamente no ambiente da universidade, mas por amigos, vizinhos ou colegas de quarto.

Houve um caso relatado por uma estudante haitiana, a Clarice, que a primeira vez que tomou chimarrão foi por conta própria, pois disse que via os outros tomando e tinha vontade e curiosidade, então foi no mercado e comprou a cuia, bomba e erva para fazer em casa para ela e seu marido. No final acabou se decepcionando, por era muito amargo e ruim.

A hostilidade no tratamento dos imigrantes haitianos, e também senegaleses, é muitas vezes alarmante, deixando claro o racismo que também está presente na relação como os caboclos e indígenas como vimos no primeiro capítulo. Tal situação é resultado da lógica racista e do branqueamento da população de Chapecó e do oeste catarinense. Nas falas dos entrevistados brasileiros para essa pesquisa, o local de trabalho e os espaços comerciais têm sido um espaço de bastante hostil para os imigrantes haitianos.

Nesse sentido, vejamos um trecho de uma entrevista de um brasileiro se referindo ao seu local de trabalho:

Aí quando entrava um haitiano na loja, normalmente o vendedor que estava na vez dependendo do vendedor ele meio não queria atender eles. Se nega a atender eles porque ele fala que era perda de tempo, porque eles nunca compravam nada. E até uma vez uma vendedora chegou e falou pra mim, que eu ficava naqueles balcões de celular, aí ela atendeu, ele achou que estava vendendo móveis sei lá, ela falou que odiava atender eles... e ela falou umas coisas meio feias assim e diz que odiava eles, porque eles nunca compravam nada e tal, e ainda ela falou que eles viviam dando em cima dela, não sei o que. Inclusive eu ouvi dizer que eles iam tomar a cidade de nós. (TIM, 2016)

Essa análise das relações de poder de chapecoenses em relação aos haitianos também é discutida por Andreola (2015) em seu trabalho “Os Brasileiros e os Estrangeiros: Relações de Sociabilidade entre o grupo de brancos e o grupo de negros “em um bairro de Chapecó”. Em uma das entrevistas coletadas por ele, fica clara a cor/raça como um elemento que aciona valores e significados. Falando da chegada dos haitianos em bairro de Chapecó, um entrevistado brasileiro, Adão, afirma que: “[...] no começo deu um baque (impacto, estranhamento), aquele negócio da cor deles [...]” (ANDREOLA, 2015, p.32).

¹² Chimarrão: bebida típica da região, composta por erva-mate e água quente, cuia e bomba. Ver: ANDREOLA, Neuri. Os brasileiros e os estrangeiros: as relações de sociabilidade entre o grupo de brancos e o grupo de negros “em um bairro de Chapecó. Monografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015.

Essas evidências, observadas por Adreola (2015), estão em conformidade com as perspectivas de Guimarães (2003), no artigo “Como trabalhar com ‘raça’ em sociologia”, ao fazer um resgate histórico de como o termo “raça” foi utilizado por duas vertentes: a biologia e as ciências sociais. Na primeira era utilizado para inferiorizar os negros em relação aos brancos devido a atribuições de inferioridade moral associada à genética. E nas ciências sociais utilizado de forma política e reivindicatória com o intuito de mostrar as desigualdades de oportunidades que os negros enfrentam em sua relação com os brancos. Nesse sentido, foi comprovado que não existe inferioridade genética, embora a inferioridade social exista, comprovada através racismo, exclusão e desigualdades baseadas na cor.

Se por um lado a cor dos haitianos significou um “baque”, a origem europeia, a branquitude, é apresentada com um solo de virtudes, como mostra a fala do entrevistado Nico, para a mesma pesquisa: “os traços o jeito do povo europeu, povo guerreiro, batalhador, isso vem ficando, uma herança genética que fica, e a gente carrega isso”. (ANDREOLA, 2015, p.48)

Guimarães (2003) faz uma discussão sobre o termo de raça e cor no contexto brasileiro, sendo que é só a partir da década de 30, com a necessidade da criação da identidade nacional, que o termo cor passa a ser utilizado, pois anteriormente o que prevalecia era o conceito de raça no sentido biológico. Para o autor, cor e raça são dois conceitos associados, pois conforme aponta “[...]cor é uma categoria racial, pois quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a ideia de raça que orienta essa forma de classificação (GUIMARÃES. 2003, p.103-104).

Outro trabalho interessante para pensar as relações entre brasileiros e haitianos nesta região é o trabalho de Bordignon (2016) na qual faz um mapeamento dos contextos escolares informais e formais para os haitianos, chamado *Inserção dos Imigrantes Haitianos no Contextos Educativos Escolares e não Escolares no Oeste Catarinense*. Embora a autora não trabalhe na perspectiva do preconceito racial, alguns dos entrevistados brasileiros dessa pesquisa ressaltam as relações entre brasileiros e estrangeiros a partir de lugares raciais de privilégio e subalternidade. Muito significativa nesse sentido é a fala do professor de português para haitianos:

Vi então a necessidade de não só ensinar a eles gramática e tantas outras coisas complicadas que nossa língua tem, mas também ensinar a eles se defenderem nas ruas de Chapecó. Se um dia alguém assistir minhas aulas verá que dou aula sobre xingamentos também, xingamentos que eles sofrem e precisam saber como se defender e entender o que o outro está dizendo a ele. Dentro dessa questão já ouvi inúmeras histórias de preconceito que precisei ser forte para não chorar na sala de aula e todas elas se passaram em Chapecó [...] Os ajudo a saber como viver em Chapecó, a Chapecó que é fácil pra mim por ser branco e brasileiro, mas totalmente diferente para eles. (BORDIGNON, 2016, p. 114).

Ou seja, o fator raça/cor é latente nas relações entre os brasileiros e os haitianos em Chapecó. Essas relações de opressão e racismo estão presentes desde a colonização, e foram, e são, vivenciadas também por caboclos e os indígenas. Dessa forma entende-se que “A função básica do racismo é blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, cuja dominância se expressa por meio de um *continuum* de características fenotípicas, ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado.” (MOORE, 2007, p.284).

Pesquisas têm mostrado que a branquidade como privilégio racial é um fenômeno global, nesse sentido essas relações percebidas em Chapecó fazem parte de uma macro estrutural. É o que evidencia a pesquisa de Lia Schucman (2012) em que seu entrevistado reafirma a superioridade e privilégios baseados em suas percepções sobre a branquitude: “Olha não sei se isto é racismo, acho que é mais regra de mercado e publicidade, a gente sabe que o cliente deve se identificar com o vendedor para comprar mais, então como minha loja tem a maioria dos clientes brancos eu sempre contrato vendedor brancos.” (SCHUCMAN, 2012, p.75)

4.1.1 Representações das relações de poder entre brasileiros e haitianos no local de trabalho

Outro espaço importante para a análise dessas relações de poder entre locais e estrangeiro é o mundo do trabalho. A vinda dos haitianos para a região de Santa Catarina é analisada por Magalhães e Baeninger (2016) na pesquisa Imigração haitiana no Estado de Santa Catarina: Fases do fluxo e contradições da inserção laboral. De acordo com os autores, a vinda dos haitianos para a região está relacionada com três empresas “a Multilog, a Ambiental e a Imbrasul Construtora e Incorporadora. (MAGALÃES; BAENINGER, 2016, p.227) que foram ao Acre em busca de mão-de-obra. No entanto, existe um lugar determinado para os haitianos no mundo do trabalho: os haitianos exercem nessas empresas “tarefas mais intensas no uso da força física, menos qualificadas. (MAGALÃES; BAENINGER, 2016, p.228).

Além disso, houve uma onda de recrutamento das empresas frigoríficas, no caso no “Vale do Itajaí” e em “Balneário Camboriú”, na qual os pesquisadores participaram, visualizando que “[...] a utilização da promessa do alojamento gratuito (na realidade, há desconto da folha salarial)” (MAGALÃES; BAENINGER, 2016, p.229) faziam com que a proposta de trabalho se tornasse mais atraente, com essa ideia da moradia ser gratuita. Além disso, apontaram Chapecó como a cidade com maior número de imigrantes haitianos.

Assim, o trabalho que é destinado aos haitianos, funções de baixa remuneração e pesadas, está relacionado aos resquícios da escravidão no Brasil. Conforme Handerson (2010), a divisão do trabalho no Brasil é baseada historicamente no baixo status em relação às funções que exigem esforço físico somadas a “cor, classe, posição e aparência” (HANDERSON, 2010, p.93). Nesse sentido “[...] no Brasil como no Haiti, o discurso sobre o trabalho pesado é predominantemente associado ao corpo do afrodescendente (desrespeitado e mal alimentado) como herança da escravatura (HANDERSON, 2010, p.94).

Independente dos fatores que provocaram a vinda dos haitianos para o Brasil, sejam eles econômicos, sociais ou políticos, para eles a questão do trabalho é fundamental, seja para mandar dinheiro para as famílias que ficaram no Haiti ou para sobreviver na região. Portanto, um dos fatores determinantes para a permanência dos haitianos em Chapecó é a inserção no mercado de trabalho. São as demandas de trabalho e a oferta de ensino superior que influenciam diretamente a mobilidade dos haitianos para a região.

As relações de trabalho, principalmente na busca por emprego, se apresentaram para os haitianos e haitianas como um grande problema, atribuído ao fato de serem negros e estrangeiros. É evidente nas falas a dificuldade de conseguirem trabalhos com uma melhor remuneração e que exijam pouca força física:

[...] entrei, fiz entrevista, as pessoas tinham um olhar como um negro que não tinha nada na cabeça, tipo se fizesse uma entrevista numa empresa, tipo na Aurora, que eu vou falar mesmo, eu fui fazer uma entrevista e eles queriam um engenheiro sênior de produção, daí eu fui lá, a mulher olhou bem pra ver se não tinha outra vaga, se eu não queria trabalhar como auxiliar de produção. [...] não, eu fiz cinco anos de engenharia pra trabalhar como auxiliar de produção?! Tem cabimento um negócio assim?! Então vamos parar gente. Eu vim aqui vou estudar, vou fazer minha graduação, se der vou fazer meu mestrado, minha doutorado e voltar pro meu país, entendeu? Porque assim não vai dar. (BARRETO, 2015)

[...] Fui procurar emprego, cheguei meu curriculum bonitinho, arrumadinho, e disse que queria entregar e a menina disse “desculpa não tem vaga para limpeza” eu disse, mas não quero limpeza quero caixa, tenho os critérios sei ler, escrever e tenho o ensino médio completo. E a menina disse vou ver com a gerente e voltou dizendo que não tinha mais vagas. Tinha um papel grande que precisava de 10 vagas. Nós haitianos não aceitamos algumas coisas é triste, bem triste isso” (CLARICE, 2015)

Nos dois casos houve um julgamento por parte dos empregadores: devido à cor automaticamente tornaram-se não aptos para determinada vaga de trabalho. Embora a função de caixa de supermercado não exigisse formação superior, ela ocupa uma posição hierárquica de poder em relação ao cargo de limpeza, por exemplo. Em uma das entrevistas, o estudante haitiano dá ênfase a essas situações quando diz:

Eu fico muito decepcionado quando eu vim pra cá e fui procurara serviço, emprego que não tinha... quando eu vi uma vaga administrativa eu pedi pra me cadastrar nessa

vaga e a moça falou que eu não tenho o perfil da vaga, e falei como que não tenho o perfil da vaga? Eu sou estudante do curso de administração, ela respondeu “na verdade não tem vagas para estrangeiros...” (CUNHA, 2015)

Ou seja, a dificuldade de conseguir um trabalho não está necessariamente relacionada a uma crise econômica, ela se apresenta como um racismo institucional, no sentido de não contratar mesmo que o indivíduo tenha qualificações compatíveis com a vaga de trabalho, com a justificativa de ser estrangeiro.

As agressões vividas pelos estrangeiros nesse contexto do mundo do trabalho não são apenas psicológicas e simbólicas, mas também físicas. Como na fala de um entrevistado (Andrade) que relatou uma situação na empresa em que trabalha. Um colega brasileiro o havia agredido com um tapa. Quando ele perguntou o porquê, o colega riu e não respondeu. Então ele contou ao supervisor, que conversou com ambos; o colega brasileiro negou e, em seguida, alegou que era brincadeira e no final acabou pedindo desculpas. No outro dia, o colega bateu novamente e Andrade comunicou novamente ao supervisor que deu uma advertência e suspensão ao colega.

Outro haitiano entrevistado relata as dificuldades de trabalhar em conjunto com os brasileiros:

[...] o brasileiro tem muito preconceito né, mas ele achou que um haitiano, que os haitianos são escravos né, mas quando tem um serviço pra fazer junto, mas ele não quer fazer, só o haitiano, que deve fazer né, ele fala né, mas eu não aceito né, quando a gente faz ciências humanas, ciências sociais, mas ele não gosta da manipulação né, mas mesmo quando eu fala pro chefe ele fez uma coisa que eu não gosto, mas o chefe que me dá razão e tem outro que me tira a razão, só isso... muito, muito preconceito (MATOS, 2016).

Os haitianos chegam no Brasil em busca de melhores condições de vida e oportunidade, seja de trabalho ou educação, motivados através da visão preconcebida das relações raciais não serem marcadas por discriminação devido há grande miscigenação no país, conforme Handerson (2010)

A visão do Brasil no Haiti é a de um país onde a maioria da população é negra, inclusive não se imagina que exista tanta discriminação racial nesse país, devido à presença maciça de negros brasileiros em certas profissões do mundo dos espetáculos, na esfera do lazer (sobretudo nos esportes como futebol, no canto, na dança/carnaval e na música pop), embora o tamanho e a importância divirjam consideravelmente nos dois países. (HANDERSON, 2010, p. 94).

Em outras palavras, essas relações de racismo estão presentes e afetam diretamente a vida e as expectativas dos haitianos, ao mesmo tempo em que desconstruem essa visão romântica do Brasil através da dura realidade apresentada nas vivências. E como resultado desse

desencantamento das relações raciais no Brasil a grande maioria dos entrevistados afirmam não querer permanecer no país.

Em resumo, as relações raciais construídas no Brasil trazem as consequências do sistema escravocrata, na qual a população negra é a mais afetada, pois geralmente tem menor status e capital econômico. E por mais que as condições de estudo ou economia sejam as mesmas entre negros e brancos, a disputa entre eles permanece desigual, devido ao “ciclo cumulativo das desigualdades”, ou seja, a população negra enfrenta situações de discriminação e exclusão, somadas o baixo poder econômico e pouco acesso à educação, em relação à população branca. No entanto, as condições econômicas não superam as desigualdades sociais relacionadas com a raça (HASENBALG, 2005).

Considerando as desigualdades baseadas na discriminação racial, os haitianos preferem não permanecer no Brasil, já que o preconceito é forte e afeta diretamente os objetivos de prestígio social e econômico. Nesse sentido, há um desnudar e vivenciar esse país que se transforma de país mestiço e harmonioso para um país desigual e preconceituoso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o andamento desta pesquisa, procurou-se compreender os elementos constitutivos das relações entre imigrantes estrangeiros haitianos e moradores locais, brasileiros, a partir da convivência entre esses dois grupos no contexto da Universidade Federal da Fronteira Sul. Para tanto, considerou-se algumas características entre brancos e não brancos durante a colonização e a formação da cidade de Chapecó, concluindo que as relações interraciais não eram harmoniosas, marcadas por muitos mecanismos de poder e privilégio branco e, conseqüentemente, pela desigualdade e subalternidade compartilhada entre os povos não-brancos.

Essas características do processo histórico das relações raciais intergrupais em Chapecó devem ser considerada como um elemento importante para a compreensão das relações entre moradores locais e aos novos imigrantes na cidade de Chapecó, os imigrantes haitianos, um povo negro em um local onde 76,68% da população se considera branca. No caso da presença haitiana na região, evidencia-se que as relações garantem a manutenção do progresso e desenvolvimento da cidade, principalmente nas relações do trabalho, expressos pela falta de mão-de-obra na cidade de Chapecó, em que faz as empresas buscarem os haitianos, embora as condições de poder sejam desiguais entre esses grupos de brasileiros e haitianos.

Viu-se no decorrer desse texto que o ensino superior para estudantes haitianos na cidade de Chapecó surge através do programa do PROHAITI demanda dos próprios haitianos. E a partir desse ingresso é perceptível que a grande problemática gira em torno das relações de integração e sociabilidade entre haitianos e brasileiros. E nessas relações entre os estudantes brasileiros e haitianos são marcadas pelo distanciamento entre os grupos, embora seja um local, a princípio em condições de igualdade, que na verdade, evidencia as relações de poder nas observações nos espaços de sociabilidade como no restaurante universitário, bem como, na dificuldade dos trabalhos em grupos que podem estar associadas a alguns fatores como o fato da região ser predominantemente branca resquícios do projeto do branqueamento colonizador, o racismo, e também pelo fator do PROHAITI ser uma experiência nova, ainda em fase de construção para pensar essas demandas que surgem pós implantação.

Outro elemento demonstrado pela pesquisa é que os haitianos se mostraram mais contidos em relação às questões de conflito e preconceito na universidade, ao retratar que não sofrem racismo no ambiente da universidade, embora demonstrando a depreciação aos trabalhos em grupos. Essas sutilezas estão associadas ao fato de ser branca, brasileira e colega

universitária. Mas também tem a possibilidade do espaço da universidade ser um local menos hostil do que os outros espaços da cidade. Ao contrário dos brasileiros que foram mais espontâneos, evidenciando relatos dos conflitos de forma, crítica e contrária e esses atos, além de considerar que os brasileiros ficaram mais confortáveis em relatar por me considerarem integrante do grupo dos brasileiros. Nesse sentido, considero o fator racial e nacional considerando as relações de poder presente nesse contexto da universidade que é um espaço historicamente marcado e frequentado por brancos, reafirma essas dificuldades que a universidade encontra em integrar os brancos com não-brancos.

Mas há de se considerar que essas necessidades de incluir e integrar socialmente os brancos e não-brancos estão ocorrendo porque a universidade está fazendo esse movimento de inclusão através do PIN, do PROHAITI, como também a inclusão com as cotas. Mesmo que a universidade tenha dificuldade em integrar ou de como agir com as relações entre os estudantes, como o caso de racismo que ocorreu no final do ano de 2015, no restaurante universitário, quando alguém colocou uma banana na mochila de um haitiano do curso de administração, em que alguns professores precisaram tomar frente para debater essa questão, com a organização do ato contra o racismo realizado no dia 8 de dezembro de 2015, na qual, sem a pressão dos professores, não saberíamos como ficaria essa situação.

Além disso, é interessante mencionar que os brasileiros falam se referindo aos outros, como preconceituosos e resistentes a presença haitiana na região, exemplo disso quando falam da visão da própria família em dizer que os haitianos “vieram roubar nosso trabalho” semelhante a visão de que escutam na cidade também, na qual os haitianos são vistos como ameaça. Enquanto os haitianos evidenciam as experiências a partir de si, como o relato do estudante que foi chamado de “macaco” na cidade de Chapecó.

E nessas representações podemos perceber que as identidades são dinâmicas, relacionais e situacionais, além da criação das fronteiras entre grupos. Essa dinamicidade das identidades é expressa na entrevista do estudante do estudante haitiano, ao dizer que no Haiti não é aceito e nem tolerado os indivíduos homossexuais, mas que aqui no Brasil é aceito, ou seja, evidencia as fronteiras através das diferenças entre grupos. É necessário considerar situação e as relação de poder e subordinação ao padrão local pelo fato de se estar em outro país com outras práticas, logo as relações também modificam.

No que se refere ao contexto da universidade, as relações entre haitianos e brasileiros aparecem fortemente como sociações, termo utilizado por Simmel (1983) para evidenciar interações entre indivíduos ou grupos com algum interesse ou objetivos nas interações. Podemos concluir que no contexto da universidade as sociações prevalecem entre haitiano e

brasileiros, manifestadas nos trabalhos em grupos, no caso específico de um estudante haitiano em diferenciar amigo de colega, no qual amigo tem sociabilidade e colega apenas socialização. Essa diferenciação entre amigo e colega implica em uma relação de poder, pois na socialização geralmente são expressas por relações de interdependência como no caso dos trabalhos em grupos ou do serviço, o que não é o caso da sociabilidade que implica em costumes e gostos comuns associado ao prazer da companhia como o caso das relações de amizade, marcando o lugar dos lugares dos haitianos e brasileiros nas relações individuais e coletivas.

O mesmo acontece no contexto geral da cidade de Chapecó com as interações serem mais voltadas as socializações, apresentadas na fala do estudante haitiano em que compara a cidade de Chapecó com a de Itajaí, pois no emprego em Chapecó o colega de trabalho brasileiro só conversa com ele por obrigação, cumprindo a exigência que a função exige.

Existe uma concordância em relação a estudante haitiana que compara Chapecó com Manaus e percebe que as relações com os brasileiros são mais difíceis em Chapecó, justificada por ela pela branquidão dos indivíduos da região, ao mesmo tempo em que fala que embora exista muito preconceito, existem algumas pessoas que “acolhem”, ou seja, há sociabilidade no sentido de Simmel (1983) entre haitianos e brasileiros em que a interação ocorre sem objetivos ou pressões externas, exemplo de relações entre amigos. E essa relação de sociabilidade existe, entretanto como exceções. Além disso, Elias e Scotson (2000) são fundamentais para análise das relações entre haitianos e brasileiros isso porque especifica a natureza das relações de poder entre os grupos: o monopólio de recursos de poder.

Nas relações entre haitianos e brasileiros, especifica a natureza das relações de poder são traduzidos em termos de lugares raciais, manifesto por meio de estigmas, também experimentado pela população negra no Brasil. No entanto, é uma relação que tem o seu fundamento nos diferenciais de acesso aos recursos de poder, é isso que possibilita ao grupo branco hegemônico se representar como pessoas melhores do que os haitianos.

Sendo que a cor negra é um marcador como exemplificador na fala do estudante haitiano quando foi xingado na rua e esses xingamentos faziam menção a cor da pele como “macaco”, “volta pro seu país que aqui ninguém gosta de preto”. Esse marcador faz com que a inserção na vida social seja desigual: em uma entrevista de emprego faz com que negro saia prejudicado em relação a um branco em mesmas condições.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a categoria de cor de pele gera desigualdade, ela, conseqüentemente, gera privilégio, é uma relação de causa e efeito, o racismo garante a subalternização dos negros enquanto “blinda os segmentos hegemônicos” (MOORE, 2007),

nesse caso, dos brancos. Em outros termos, o racismo é uma estratégia eficaz de garantia de privilégios simbólicos e materiais para os brancos na sociedade.

Nessa relação entre brancos e negros é possível perceber de forma mais clara a branquitude, ou seja o lugar do branco e do negro, expressas durante toda a trajetória do trabalho, sendo que de forma mais evidente com os relatos das dificuldades de conseguir um emprego, mesmo tendo o perfil e as qualificações exigidas, tendo barradas as oportunidades devido a cor, ou seja, lugares destinados a indivíduos brancos historicamente, ou seja lugares de destaque. Nesse sentido a branquitude está atrelada ao poder e privilégio branco presente nas sociedades.

REFERÊNCIAS

AGROSINO, Miguel. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre. Artmed, 2009.

ANDREOLA, Neuri. **Os brasileiros e os estrangeiros: as relações de sociabilidade entre o grupo de brancos e o grupo de negros “em um bairro de Chapecó**. Monografia em licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015.

BORDIGNON, Sandra de A. F. **Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não escolares no Oeste Catarinense**. Dissertação (mestrado em educação) universidade Comunitária de Chapecó, 2016.

CAMPOS, Raul José; PAULINA, Mara. **A voz de Chapecó: artigos de Antônio Selistre de Campos**. Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Argos, 2004.

CARDOSO, Lorenço. **O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (período:1957-2007)**. Dissertação de título de mestre em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Centro de Estudos Sociais, 2008.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-do-ibge/censo-demografico-ibge-2010.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2015.

CREMA, Everton Carlos; TONON, Eloy; GOHL, Jefferson William. **Colóquio Nacional de História e Historiografia no Vale do Iguaçu**, n.7, v. 1, 2012. (Coord.). Colóquios: Especial dossiê Contestado, 2012.

CUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: **A noção de Cultura nas ciências Sociais**. Bauru SP. EDUSC, 1999.

DEBONA, Darci. **No Oeste de SC, indústrias foram atrás dos imigrantes haitianos**. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/05/no-oeste-de-sc-industrias-foram-atras-dos-imigrantes-haitianos-4768503.html>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L; RIBEIRO, Vera (Tradutor). **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. 158 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUIMARÃES, A. S. A. **Como trabalhar com “raça” em sociologia**. Educação e pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p.93-107, jan./jun. 2003.

HANDERSON, J. **Diáspora. As Dinâmicas da Mobilidade Haitiana no Brasil, No Suriname e Na Guiana Francesa**. Tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

HANDERSON, Joseph. **Vodu No Haiti – Candomblé No Brasil: Identidades Culturais E Sistemas Religiosos Como Concepções De Mundo Afro-Latino-Americano**. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas Rs, 2010.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Minas Gerais. ed. UFMG. 2005. 315p.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. 2. ed. rev. e amp. Chapecó: Argos, 2013.

MAGALHÃES, Luís Felipe; BAENINGER, Rosana. **Imigração haitiana no estado de Sant Catarina: fases do fluxo e contradições da inserção laboral**. GT Migração. Blucher Social Sciences Proceedings.

MALAGE, Katia, G. J. M. **Condá e Viri: chefias indígenas em Palmas - PR, década de 1840**. Dissertação de mestrado em história na universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010, p.137

MATTA, Roberto Da. **Você tem cultura?** Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2015.

MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2007, 320p.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania**. Palestra Relações Raciais, proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica-SP, 2012. Disponível em:< <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1540>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

NETO, O. T.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnico de investigação**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

NIEROTKA, Roseleia Lucia. **Políticas de acesso e ações afirmativas na educação superior: a experiência da universidade Federal da Fronteira Sul**. Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, com título de mestre em educação, 2015.

NIEROTKA, Rosileia Lucia. **Políticas De Acesso E Ações Afirmativas Na Educação Superior: A Experiência Da Universidade Federal Da Fronteira Sul**. Dissertação pós-graduação da UFFS, SC, 2015, 179p.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Região, civilização e progresso: Oeste Catarinense, 1916-1945**. Anais do XXVI Simpósio de História – ANPUH. São Paulo, Jul. 2011. Disponível

em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308191474_ARQUIVO_Texto_completo_\(Francimar_Ilha_da_Silva_Petroli\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308191474_ARQUIVO_Texto_completo_(Francimar_Ilha_da_Silva_Petroli).pdf)>. Acesso em: 02 dez. 2016.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Território, economia e modernidade: Oeste Catarinense, 1916-1945**. Anais do XIV Encontro Estadual de história- Tempo, Memórias e Expectativas, UDESC, Florianópolis-SC.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um “Desejo de Cidade”, um “Desejo de Modernidade” (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91794/249012.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

RADIN, José Carlos. **Representações da colonização**. Chapecó: Argos, 2009. 322 p.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004, 160p.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006. 250 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. 435 p.

ROCHA, Everardo P. G. **O que é etnocentrismo?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

SOUZA, V. S; SANTOS, R. V. **O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n3/a08v7n3.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SCHUCAMN, Lia. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese de doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Questão racial no Brasil**. São Paulo: Estação Ciência, 1996.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel: Seleção, tradução, introdução e bibliografia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

UNIVERSIDADE FEDERA DA FRONTEIRA SUL (UFFS). **Edital n. 571/UFFS/2015**. Processo seletivo especial para acesso à educação superior da UFFS para estudantes haitianos – PROHAITI. Dez/2015.

UNIVERSIDADE FEDERA DA FRONTEIRA SUL (UFFS). **PPI UFFS**. Chapecó, SC: UFFS, 2015d. Disponível em: <http://antiga.uffs.edu.br/wp/?page_id=83>. Acesso em: 05 set. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS). **Resolução n. 32/2013 – CONSUNI**. Institui o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos – PROHAITI e dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa. Sala das Sessões do Conselho Universitário, 11a Sessão Ordinária, Chapecó, SC, 12 dez. 2013i.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS). **História**. Chapecó, SC. Disponível em:< http://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/historia> Acesso em: 10. Mar.2017.

VALCARENGUI, Nelsi. **Vitorino Condá: herói ou bandido?** 2006. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso de história, Universidade Comunitária de Chapecó. 2006.

WERLANG, Alceu. **A colonização as margens do Rio Uruguai no extremo oeste catarinense Atuação da Cia. Territorial Sul Brasil 1925 a 1954**. Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em História do centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em História. Florianópolis 1992. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76820?show=full>> Acesso em: 10 mar. 2017.

ANEXOS

1 Questionário para os estudantes Haitianos(as) nas entrevistas individuais:

- Apresentação: nome, idade, profissão, bairro em que mora, quanto tempo está em Chapecó? Falar um pouco da rotina dos horários universidade/ trabalho sobre o curso, fase.

I. A cidade de Chapecó

- a) Como tem sido sua experiência na cidade de Chapecó?
- b) Você percebe diferenças na experiência sua em Chapecó e outros locais que você morou no Brasil ou fora do Brasil. Quais seriam elas?

II. A universidade

Você já é formado ou cursava um curso superior no Haiti?

- Porque você decidiu estudar na UFFS? Você está no curso que você gostaria de fazer?
- c) Você tem sentido alguma dificuldade na Universidade por serem estudantes estrangeiros? Quais as suas dificuldades na universidade?

O que você está achando dessa experiência da Universidade abrir vagas para estudantes haitianos?

- a) Você já pensou em desistir da universidade? Se sim ou não, porquês?
- b) Você tem feito outras atividades na universidade, fora da sala de aula? Se sim quais? Se não, por que?
- c) Quais são as suas expectativas depois que terminaram o curso? Pretende trabalhar na área?
- d) Pretende continuar morando em Chapecó?

III. A interação com o outro

O hábito de tomar chimarrão aqui em Chapecó é bastante arraigado, você toma chimarrão? Se sim. Como você começou a tomar o chimarrão? Em quais situações você toma?

- Você acha que existem muitas diferenças entre os haitianos e os brasileiros no modo de ser?

Quando os professores propõem trabalho em grupo, você faz sempre como o mesmo grupo, tem participado de diferentes grupos ou prefere fazer sozinho?

O que você faz no seu tempo livre, finais de semana, horas de folga?

A sua turma tem a prática de fazer festa, churrasco, encontros?

Você frequenta esses espaços de socialização da sua turma? Se sim, se não, explorar os

porquês. Como foi?

Você já vivenciou alguma situação incômoda como um dos seus colegas professores ou em outros ambientes da universidade? Se sim como foi?

- Dizer que está encerrando e ele/ela Gostaria de dizer alguma coisa? de acrescentar?

2 Questionário realizado para os estudantes brasileiros com entrevistas individuais:

Poderia fazer uma apresentação sobre seu curso e fase?

O que você entende por diversidade?

INTERAÇÃO ENTRE HAITIANOS E BRASILEIROS:

-Você acredita que a universidade seja um espaço da diversidade? (Por que? Como?)
você acha que esse grupo que citou [espera que cite] se relacionam? Se misturam? (Como? Onde?)

-Já estudou com estudantes estrangeiros?

-Como você avalia essa experiência de ter estudantes estrangeiros, na mesma sala de aula? Quais os pontos positivos e negativos que veem nessa presença?

-Você acredita que os estudantes haitianos têm o mesmo desempenho nas disciplinas e avaliações que os estudantes brasileiros?

-Os estudantes haitianos tem uma boa interação com os colegas de sala? E com os professores como é a relação?

-Você já fez trabalhos em grupo com estrangeiro? Se sim como foi?

-Você percebe interações, contato entre os estudantes haitianos entre os estudantes brasileiros for da sala de aula? (Se sim, explorar como? Aonde?)

SITUAÇÕES DE CONFLITOS NA UFFS

-Você conhece, presenciou ou ouviu falar de alguma situação peculiar, de conflito, hostilidade envolvendo estudantes haitianos? (Se sim, explorar...)

FINALIZAÇÃO

-Está chegando no fim, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa, algo que não foi perguntado, as que acha importante mencionar?

3 Questionário realizado para os estudantes Brasileiros do grupo focal:

Poderiam fazer uma apresentação sobre seu nome, curso e fase?

O que vocês entendem por diversidade?

INTERAÇÃO ENTRE HAITIANOS E BRASILEIROS:

-Vocês acreditam que a universidade seja um espaço da diversidade? (Por que? Como?)
Vocês acham que esses grupos que citaram [espera que citem] se relacionam? Se misturam?
(Como? Onde?)

-Já estudaram com estudantes estrangeiros?

-Como vocês avaliam essa experiência de ter estudantes estrangeiros, na mesma sala de aula? Quais os pontos positivos e negativos que veem nessa presença?

-Vocês acreditam que os estudantes haitianos têm o mesmo desempenho nas disciplinas e avaliações que os estudantes brasileiros?

-Os estudantes haitianos tem uma boa interação com os colegas de sala? E com os professores como é a relação?

-Vocês já fizeram trabalhos em grupo com estrangeiro? Se sim como foi?

-Vocês percebem interações, contato entre os estudantes haitianos entre os estudantes brasileiros fora da sala de aula? (Se sim, explorar como? Aonde?)

SITUAÇÕES DE CONFLITOS NA UFFS

-Vocês conhecem, presenciaram ou ouviram falar de alguma situação peculiar, de conflito, hostilidade envolvendo estudantes haitianos? (Se sim, explorar...)

FINALIZAÇÃO

-Está chegando no fim, vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa, algo que não foi perguntado, mas que acha importante mencionar?

4 Ficha de recrutamento para o grupo focal dos brasileiros:

Nome:

Idade:

Curso:

Fase:

Email:

Telefone:

1-Você já teve aula com haitianos na universidade?

2-Qual sua cidade natal?

3- Qual sua ascendência?

3-Você trabalha? Em que período?

3-Em relação ao modelo do IBge da identificação, você se considera:

a) branco, b) preto, c) pardo d) indígena e) amarelo

4-Se não tivesse as outras cores somente entre branco e preto qual você se identifica?

a) branco b) preto

5 Termos de consentimento:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação no grupo focal para a Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso sobre a Diversidade e Sociabilidade que tem como objetivo Compreender os veículos e as formas de relações de sociabilidade entre os brasileiros e os haitianos na UFFS, com o uso de gravação.

Por intermédio deste Termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

Eu, _____ declaro estar ciente das informações constantes neste 'Termo de Consentimento Livre e Esclarecido', e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei l'pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o coordenador da pesquisa ."

Chapecó, ____ de _____ de 2016.

Participante: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na entrevista para a Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso sobre a Diversidade e Sociabilidade que tem como objetivo Compreender os veículos e as formas de relações de sociabilidade entre os brasileiros e os haitianos na UFFS, com o uso de gravação.

Por intermédio deste Termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

Eu, _____ declaro estar ciente das informações constantes neste 'Termo de Consentimento Livre e Esclarecido', e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei l'pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o coordenador da pesquisa .”

Chapecó, ____ de _____ de 2015.

Participante: _____

Assinatura do Pesquisador: _____